



proffuncionário

Curso Técnico de Formação para os Funcionários da Educação

Homem, pensamento e cultura:

abordagem filosófica e antropológica



Autor: Maurício Leão. Título: Manifestação Cultural do Centro-Oeste

proffuncionário - Curso Técnico de Formação para os Funcionários da Educação / Homem, pensamento e cultura: abordagem filosófica e antropológica



Ministério da Educação



FORMAÇÃO PEDAGÓGICA
3ª edição atualizada e revisada – 2008





profuncionário

Curso Técnico de Formação para
os Funcionários da Educação

Homem, pensamento e cultura:

abordagem filosófica
e antropológica

FORMAÇÃO PEDAGÓGICA

3ª edição atualizada e revisada – 2008

Brasília

Governo Federal

Ministério da Educação

Secretaria de Educação Básica

Diretoria de Políticas de Formação, Materiais Didáticos e de Tecnologias para a Educação Básica

Universidade de Brasília(UnB)



*pro*funcionário

Curso Técnico de Formação para
os Funcionários da Educação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica.
B823 Homem, pensamento e cultura : abordagens filosófica e antropológica : formação técnica / [elaboração: Dante Bessa]. – Brasília : Universidade de Brasília, Centro de Educação a Distância, 2005.
92 p. : il. – (Curso técnico de formação para os funcionários da educação. Profucionário ; 3)

ISBN 85-86290

1. Educador. 2. Formação profissional. 3. Escola. I. Bessa, Dante. II. Título. III. Série.

CDU 37.01

3ª edição atualizada/revisada - 2008

Apresentação

Alguma vez você já se perguntou como se tornou o que é hoje: a sua humanidade, a sua profissão, a sua cidadania, os seus valores? Alguma vez já se perguntou se quer, se pode e como poderia se tornar diferente? Já se perguntou se hoje é diferente do que já foi antes? Você encontrou uma ou mais de uma resposta para essas perguntas? Alguma vez já se perguntou se as respostas a essas perguntas valem para as pessoas que convivem com você? Alguma vez já se perguntou se essas respostas valem para qualquer um, independentemente das condições de vida? Alguma vez já se perguntou se as outras pessoas teriam as mesmas respostas ou respostas diferentes das suas? E já se perguntou por que e como as pessoas podem pensar a mesma coisa ou pensar coisas diferentes, sobre si mesmas, sobre a vida, sobre a sociedade, sobre o mundo?

Bom, vou parar com as perguntas, pois há uma infinidade de outras que poderiam ser colocadas junto a essas. Importa perceber que perguntar é pensar. Perguntar faz pensar. Buscar respostas é pensar. Buscar respostas faz pensar. Responder é pensar. Responder faz pensar. Pensar dá trabalho!

Além de fazerem pensar: perguntar, buscar respostas e responder fazem falar. Fazem escutar. Fazem olhar. Fazem observar. Fazem escrever. Fazem ler. Fazem conversar. Fazem perguntar outras coisas. Fazem aprender. Fazem ensinar. Fazem educar. Fazem trabalhar. Enfim fazem fazer! Pensar dá trabalho!

Neste módulo, convido você a se perguntar sobre o homem¹. Sobre o **“homem, o pensamento e a cultura”**, para provocá-lo a pensar e responder de algum jeito as perguntas do primeiro parágrafo, com base nas atitudes que os parágrafos seguintes sugerem.

Perguntar sobre o homem, o pensamento e a cultura fará você pensar sobre o significado sociocultural do existir humano e (re)pensar sua vida e sua profissão, com vistas a poder participar mais intensamente na escola como educador profissional e como cidadão.

Para isso, este Módulo está dividido em 5 unidades, nas quais você vai trabalhar sobre:

¹Por comodidade e necessidade, utilizarei a palavra homem para designar quaisquer dos gêneros humanos, isto é, tanto para o feminino quanto para o masculino. Em outros momentos utilizarei também a palavra humano ou a expressão ser humano com o mesmo sentido

Unidade 1 — O tornar-se humano e profissional como construção sociocultural

Unidade 2 — O tornar-se humano e profissional pelas práticas simbólicas

Unidade 3 — O tornar-se humano e profissional pelo trabalho

Unidade 4 — O tornar-se humano e profissional pelas práticas valorativas

Unidade 5 — O tornar-se humano e profissional na escola

Você trabalhará o “tornar-se humano e profissional” levando em conta o homem genérico (conceito de homem) e cada homem individual ao mesmo tempo. Assim, cada unidade apresenta perguntas, respostas possíveis, outras perguntas e sugestões de atividades de reflexão, observação e escrita, além de sugerir outras leituras e filmes que podem lhe ajudar a pensar sobre os assuntos em estudo.

As atividades sugeridas dizem respeito ou a algum conteúdo do módulo apresentado antes, ou que será apresentado depois, ou a alguma situação das práticas sociais na escola ou fora dela.

Objetivo do Módulo

Apropriar e criar condições teórico-práticas com as quais problematizar, investigar e criticar a participação na escola, com vistas à construção da identidade de educador profissional.

Ementa

Processo de construção da cidadania. Filosofia como instrumento de reflexão e prática. Ética, moral e política. O ambiente físico e social. Relações homem/natureza. Aspectos e valores culturais. Linguagem e comunicação.

Sobre o Autor

Dante Diniz Bessa

Graduado em Filosofia, Mestre e Doutor em Educação, Dante Diniz Bessa é professor de Filosofia, Filosofia da Educação, Filosofia do Direito e Teoria da Política e do Estado, em escolas e universidades públicas privadas. Com mais de 10 anos de experiência profissional, o autor descreve que a produção desse módulo configurou-se um desafio de escrever como pensa a escola e o trabalho escolar e de provocar os cursistas do Profucionário a refletirem sobre o assunto. Em sua concepção, esse módulo preparado por Dante Diniz Bessa representa uma oportunidade para que o estudante do Profucionário pense e construa os seus saberes, acerca da visão e do modo de encarar a escola, compartilhando problemas a serem enfrentados na formação profissional e as possibilidades teórico-práticas para enfrentá-los.

Sumário

INTRODUÇÃO - 11

UNIDADE 1 – Devir humano 15

UNIDADE 2 – Linguagem, práticas culturais e educação 31

UNIDADE 3 – Trabalho, práticas culturais e educação 49

UNIDADE 4 – Valores, práticas culturais e educação 63

UNIDADE 5 – Práticas culturais na escola e cidadania 77

REFERÊNCIAS - 88



Olhe com atenção a ilustração da página anterior. Você enxerga práticas e posturas escolares nela? Essas práticas e posturas seriam as da escola em que você trabalha? Seriam da escola que você deseja trabalhar? Ou seriam práticas e posturas que precisam ser questionadas? E os espaços escolares que ali você enxerga: são os da escola em que trabalha, são os que você deseja para a escola a ilustração não dá conta de todos os espaços escolares?



Por atitude crítica entendo a que não aceitamos imediatamente: coisas, idéias, acontecimentos, tais como nos são ditos ou apresentados, senão que antes suspeitamos, interrogamos, buscamos informações, analisamos para, então, poder assumir posição teórica e prática.

mundo no qual ela e você estão inseridos. Pensar e investigar as vivências e práticas pode fazer mudar sua visão sobre a escola e sobre seu trabalho. É importante, então, pensar no seu dia-a-dia e no dia-a-dia da escola.

Investigar a escola no seu dia-a-dia é vê-la como espaço em que pessoas diferentes se encontram e realizam diversas práticas com o objetivo de educar. É nas práticas escolares que interessa ver e pensar o humano, o educador e o cidadão, supondo que um profissional da educação precisa saber que práticas podem ser mais significativas para a educação desejada e planejada na escola, quem as realiza e como são realizadas, para saber das influências que elas podem ter sobre o modo de pensar e de viver daqueles que participam dessas práticas (alunos, professores, funcionários, pais, comunidade).

Algumas práticas do cotidiano escolar são tão comuns e óbvias que muitas pessoas sequer prestam atenção a elas, não reconhecendo a importância que podem ter na educação dos outros e na sua própria educação.

Então, experimente problematizar e valorizar as práticas escolares, a partir das seguintes questões: por que são feitas? Como são feitas? Para que são feitas? Que influências podem ter na vida das pessoas? Você verá que muitas práticas ganharão outra importância se conseguir perceber isso.

Problematizar significa colocar problemas a serem pensados e investigados para que se possa saber e ser mais no que se é. Propor problemas significa tornar estranho aquilo que sempre pareceu familiar, lançando-se dúvidas, suspeitas, questionamentos que façam pensar o sentido dessas práticas para a educação, mesmo que no dia-a-dia da escola elas pareçam não ser problemáticas.

Investigar um problema, por outro lado, não é necessariamente resolvê-lo, mas tê-lo como algo que faz pensar e agir, isto é, que possibilita mudar de atitude diante do que parece ser sempre o mesmo.

A investigação a que lhe convidado, nesse sentido, será feita como um modo possível de construir alguns saberes que podem ajudar a assumir uma **atitude crítica**.

Um profissional crítico, atento às práticas de que participa, poderá vir a planejá-las e participar delas sabendo de suas intenções, objetivos e influências possíveis. Com isso, poderá

trazer muitas contribuições para que a educação escolar possa ganhar uma qualidade diferente da que tem tido.



E como vai ser essa investigação?

Bem, vai ser uma investigação antropológico-filosófica.

O que eu quero dizer com isso?

Quero dizer que além de ler este módulo, você vai aprender a investigar: perguntar, observar, descrever, narrar, analisar, interpretar, refletir e criticar o cotidiano escolar, tentando criar as condições para que possa construir, desconstruir e reconstruir suas práticas e a si mesmo, além de tentar entender como a escola produz e reproduz cultura e como isso influencia no tornar-se humano de cada pessoa.

Acho que com isso você já pode começar a investigação.

1

Devir humano

Comece por se perguntar: o que faz com que eu me chame e me sinta humano?

Veja que essa pergunta não parece ser problemática para muita gente. Não é qualquer um que pensa sobre isso, pois muitas pessoas já conhecem as respostas (que são óbvias) sem ter colocado a pergunta: somos humanos porque nascemos de humanos, somos sangue de nossos pais — esta é uma resposta; somos humanos porque Deus nos criou assim — esta já é uma outra resposta; uma terceira afirma: somos humanos porque o destino e a natureza nos fizeram assim.

Apesar das diferenças, essas três respostas dizem a mesma obriedade: somos humanos porque há uma força fora de nós que nos faz assim — o sangue dos pais, Deus, a natureza, o destino.

Mas, a proposta de estudo é justamente tornar o óbvio estranho, não é? Um jeito de fazer isso é pensar porque, para outras pessoas, essas respostas não são óbvias. Veja o que esses outros podem nos fazer pensar sobre isso.

Os outros a que estou me referindo são filósofos, antropólogos e cientistas sociais que, em geral, acreditam que outra(s) resposta(s) possa(m) ser dada(s) caso se coloque dúvidas sobre a vida que se vive. Para eles, não nos chamamos humanos por causa do sangue, de Deus, do destino ou da natureza, mas porque nos fazemos humanos na vida. Humano é um conceito que criamos para significar a nós mesmos e ao nosso modo de viver.

Por isso, é interessante que você procure compreender como é que o **conceito** de humano foi construído e reconstruído, você não acha? Então, procure pensar nas condições em que cada um vive e pode se fazer, chamar-se e sentir-se humano.

Para que possa pensar sobre isso com outros, passo a apresentar alguns conceitos já elaborados por filósofos, antropólogos e cientistas sociais.



Podemos entender a palavra conceito como aquilo que pensamos sobre as coisas e os acontecimentos, isto é, os significados que construímos no pensamento e com os quais podemos classificar e diferenciar as coisas e acontecimentos. Relacionando os conceitos, podemos emitir juízos sobre o mundo. Podemos dizer o que pensamos com sentido.

1 – A natureza no humano

Um primeiro conceito para ajudar a pensar sobre as condições em que alguém se faz, chama-se e sente-se humano é o que está no título da unidade: **devir humano**.

Então, leia o título com atenção. Sem ler o restante do texto, procure ver se há algo que você estranha na expressão. Se há, então, pergunte-se: por que está escrito “devir humano” e não “ser humano”? Será “devir humano” o mesmo que “ser humano”? Faz diferença falar e pensar “devir humano” em vez de “ser humano”? Afinal, o que significa “devir humano”?

Se você, ao ler o título desta unidade, havia colocado essas ou outras perguntas, é porque já está entrando no espírito crítico e investigativo proposto. Avance no pensar o que significa devir humano e o que isso tem a ver com a identidade humana. Leia com atenção, agora, o texto abaixo, de José Rodrigues de Oliveira² e procure pensar o que pode ser dito sobre a natureza no humano quando ele se refere ao devenir ou devir.

O DEVENIR

- *Meu pai, devenir é fruta ou verdura?*
- *Por que perguntas filho?*
- *Meu pai, quero, se possível, que veja minhas razões. O senhor já me ensinou que quando se recebe uma pergunta, só se deve entrar com outra, depois de ter respondido. E eu, seu filho, firmado na sua ortodoxia quero para mim as vantagens da sua observação.*
- *Bem, vejo que você tem razão. Desejo, no entanto, dizer-lhe que se você me houvesse feito, ontem, essa inquirição,*
- confesso que não estaria em condições de respondê-la. Porém hoje, depois de certo progresso que fiz posso afirmar que DEVENIR não é fruta nem verdura. É, sim, uma concepção filosófica.*
- *Agora sim, “concepção filosófica!” Mas...*
- *Nem mais nem menos, agora a vez é minha, Sócrates.*
- *O senhor sabe que não gosto de ser chamado de Sócrates³, pois acho aquele velho muito feio e sua mulher que me*

²José Rodrigues de Oliveira, poeta popular que divulga seus escritos no site www.divulga-se.net/cordel - literatura de cordel on line.

³Sócrates viveu em Atenas, na Grécia Antiga, no séc V a.C. e é considerado por muitos como o primeiro grande filósofo da história ocidental.

*desculpe, mas acho o nome dela horró-
roso! Xantipa! Só sendo grega.*

■ *Está certo, mas, por que você me per-
guntou se devenir é fruta ou verdura?*

■ *Perguntei por que a mamãe falou que
alguém comeu a folha do devenir. O ve-
lho se arrumou na cadeira de balanço,
tirou os óculos e, depois duma mordaz
e gostosa gargalhada, falou: Paulinho,
você é um anjo. Você, sua mãe e seus
irmãos azucrinam meus ouvidos, mas
também fazem cócegas no meu cora-
ção. Presta atenção, filhote, devenir
é o mesmo que devir; é uma série de
transformações. A transformação ou
mudança de estado considerado em
si mesmo. O devenir é a nossa caracte-
rística fundamental e a tudo quanto
no mundo nos rodeia. A Filosofia tem
se empenhado em compreender o de-
venir, cuja questão decisiva é a relação
deste com o ser. Heráclito e Parmêni-
des⁴, quatro séculos antes de Cristo, já
se ocupavam com o assunto, que veio
receber mais luz agora no século XX
com o nosso querido Einstein⁵. Já expli-
quei muito, pelo seu aspecto, vejo que
você entendeu pouco, não foi?*

■ *Para ser sincero, papai, não entendi
nada e, se eu quisesse ser chato, iria fa-
zer mais perguntas.*

■ *Pode perguntar, entretanto, Piaget⁶
aconselha que devemos aprender as
coisas aos poucos, as doses do saber
devem ser homeopáticas. E é você ain-
da criança. Segundo o mesmo educa-
dor existe a idade para a abstração.*

*Contudo, faça a pergunta, sua curiosi-
dade muito me agrada.*

■ *Devenir é o mesmo que futuro?*

■ *Não. Entretanto, podemos relacioná-lo
não só com o futuro como também com
progresso e o regresso à vida e à morte.*

■ *Com a vida e com a morte!?*

■ *Sim, com a vida e com a morte. Até
conosco, com você, meu filho, veja só:
você vai completar 13 anos no próximo
mês, já notou sua voz como está fican-
do diferente? Os pêlos do seu bigode
estão engrossando. (Ao ouvir isso o ra-
pazinho não se conteve e escandalosa-
mente sorriu).*

■ *Você, devenirmente, caminha para
puberdade, depois tornar-se-á adulto,
daqui a cem anos quando você morrer
irá modificar o ph da terra onde colo-
carem seu corpo. Antes disso, você
vai mudar de tal forma que quem lhe
ver hoje, e só possa ver daqui a alguns
anos, talvez não lhe reconheça. Salvo
melhor juízo, isso é devenir. Gostou?*

■ *O devenir se limita de acordo com a
idéia que se tem do progresso, sendo
a idéia um progresso, é preciso que
o devenir seja compreendido, sendo
compreendido, encontrar-se-á nele um
movimento que é o que existe de mais
concreto. Heráclito, o filósofo do vir-
a-ser, do devenir, disse que o vir-a-ser
está em tudo, porque nada é. Para nós,
modernamente, tudo já era. Eu e você
não somos mais aqueles de quando ini-
ciamos essa conversa, eu, afora o sutil*

⁴Heráclito e Parmênides também são filósofos que viveram na Grécia Antiga entre os séculos VI e V a.C.

⁵Conhecido como pai da teoria da relatividade, Albert Einstein viveu no século XX.

⁶Biólogo suíço, Jean Piaget viveu no século XX e suas pesquisas contribuíram muito para o conhecimento do desenvolvimento cognitivo de uma perspectiva interacionista.

da natureza, já bebi um copo d'água, emiti essas palavras e dei aquelas risadas. Você, além de outras coisas que aconteceu, já pode ouvir falar em de-venir sem aquela estranheza do início desse bate-papo. Verdade?

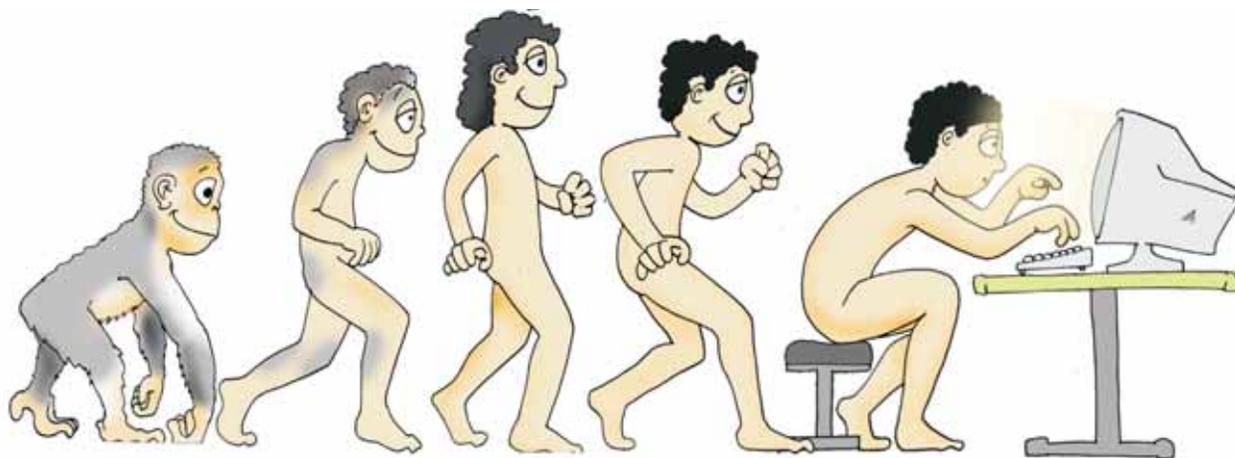
■ Ah!...Então quer dizer que aquela caneta que lhe dei há pouco, não é essa que está aí, porque a que lhe dei sofreu o calor das suas mãos, a tampinha estava do lado oposto, já escreveu e, conseqüentemente, está com menos tinta.

■ Muito bem! Demorou, mas chegou. Observo com muita satisfação que já ampliou a dialética. Quero, aproveitando a ocasião, que você saiba que o movimento dialético é o que mais existe de concreto no progresso.

■ Obrigado, meu pai. Amanhã vou pedir a minha mãe para comprar um dicionário novo para o senhor, pois o seu está bastante "devenirizado".

■ Também já sei quem comeu a folha do devenir.

E então, o que achou dessa bela maneira de expressar a natureza no humano? Você consegue perceber, com ela, o que significa dizer que o de-venir (devenir) é a natureza no humano? Quer dizer, o que há de natural no humano é a transformação, a mudança, o tornar-se diferente do que já foi.



Isso sugere que cada um de nós muda ao longo da vida, que a espécie humana muda ao longo da história e que o conceito de humano também muda. O pensar muda. Portanto, a humanidade, aquilo com que os humanos se identificam, muda conforme são criadas e inventadas novas condições de existência.

Pois é, no de-venir humano a natureza se faz na humanidade e em cada um de nós. Ela faz com que o homem seja o que é e possibilita que ele a transforme em outra natureza, a história, num movimento permanente.



Se for assim, como é que acontece esse devir? É só ficar parado e esperar que ele aja sobre cada homem? Será que você pode participar desse devir de algum modo? Se puder, em que condições isso pode acontecer? Não passe adiante sem pensar sobre isso. Anote suas conclusões e anexe o documento ao seu memorial.

Você pensou? Ficou com dúvidas?

Siga em frente, acrescentando outros elementos que possam ajudá-lo nessa investigação.

2 – O humano na natureza: cultura e práticas culturais

Antes tentei chamar sua atenção para o fato de que a presença da natureza no homem é, ao mesmo tempo, a presença do homem na natureza.

Isso significa que, assim como o homem transforma a natureza, ela transforma o homem.

Agora quero chamar sua atenção para que pense nas questões sobre por que e como natureza e homem se transformam mutuamente.

Acontece que o devir humano não se dá apenas na e pela natureza, mas, principalmente, na e pela cultura. Essa é uma visão predominante entre filósofos, antropólogos e cientistas sociais. Você pode pensar, até mesmo, que o homem tem uma natureza cultural. O homem se transforma no mundo que ele mesmo constrói: mundo social, cultural, histórico: o mundo humano.

Assim, parece evidente que, para pensar e investigar a nossa identidade e o devir, é preciso estudar a cultura. Sim, porque a cultura é condição para alguém se fazer, chamar-se e sentir-se humano.

Mas o que significa cultura?

Um conceito de cultura que pode ajudá-lo na investigação é o de que a cultura é a presença do humano na natureza, isto é, as transformações que homens e mulheres produzem na natureza e em si mesmos ao construírem o mundo humano.

O que é que isso significa?

Primeiro, significa que cultura pode ser entendida num sentido bem amplo como o conjunto de práticas pelas quais os homens agem sobre e transformam o que está na natureza, tornando-se co-responsáveis com a natureza pelo mundo e pela humanidade que constroem.

Segundo, significa que cultura é a forma de viver dos humanos em grupos sociais e, ao mesmo tempo, a forma de viver em grupos sociais específicos. Assim, no primeiro caso, você pensa em cultura no singular, como aquilo que diferencia os homens de outros seres. Já no segundo caso, você pensa em culturas, no plural, como o que diferencia grupos sociais entre si. Mas, não pode deixar de notar que esses conceitos e diferenciações são criados pelos próprios homens que aprenderam a pensar numa dada cultura!

Assim, um terceiro significado é o de que cultura é o conjunto de conhecimentos, de valores, de crenças, de idéias e de práticas de um grupo social, ou de um povo, ou de uma época.

Com esses três significados você pode perceber que cada um de nós, homens e mulheres, tornamo-nos o que somos quando produzimos e adquirimos cultura; aprendemos e construímos nosso modo de viver socialmente. Por isso, o devir humano é ao mesmo tempo devir natural e cultural. Tem a ver com transformações biológicas do nosso corpo como, por exemplo, as funções psíquicas (pensar e significar, que se desenvolvem na espécie humana e em cada homem e mulher) que nos tornam capazes de criar, de conservar e de transformar nosso jeito de viver. E tem a ver, também, com as transformações na forma de viver, que contribuem com a transformação das condições biológicas (naturais) de existência. Isso se dá quando, por exemplo, inventamos máquinas para trabalhar e pensar por nós.



O jeito de viver humano é um jeito de viver sociocultural e envolve três elementos muito importantes que ajudam a padronizar o comportamento de cada um em um grupo social: a linguagem, o trabalho e os valores, com os quais os homens produzem e transformam coisas e idéias, decidem o que é e o que não é importante e organizam as relações, criando regras para a vida social.

Portanto, ao mesmo tempo que homens e mulheres produzem cultura, são produzidos por ela como humano. Isso acontece pelas práticas de linguagem, de trabalho e de valoração, com as quais são criadas regras que orientam as relações sociais. Assim, homens e mulheres constroem o mundo humano e fazem-se presentes na natureza.

A condição de viver, de pensar e de organizar a vida coletiva (vida social), como você pode perceber, é o que movimenta o processo de autocriação humana, de produção da humanidade e da cultura.



*Como, então, você responderia a seguinte questão: **somos humanos porque pensamos ou pensamos porque somos humanos? E o que você pensa sobre isso tem a ver com o que já sabe, com o que não sabe ou com o que os outros sabem sobre você? Não deixe de anotar as respostas e dúvidas para retomar mais tarde!***

3 – Cultura e culturas

Você se lembra que antes eu havia escrito que com o conceito de cultura o homem se diferencia de outros seres e os grupos humanos se diferenciam entre si? Nesse sentido, você pode pensar em **cultura e em culturas**, não é? E pode falar de humano e humanos também, não é?

Você diria que humanos de grupos sociais diferentes são humanos diferentes?

Pode-se dizer, amplamente, que modos diferentes de organização de grupos sociais (família, comunidade, categorias profissionais, povos, etc.) podem tornar as pessoas desses grupos diferentes entre si, porque cultivam costumes e padrões de comportamento próprios de cada grupo.



Cultura é o forma de viver dos humanos em geral e, ao mesmo tempo, o jeito de viver de grupos sociais específicos. Assim, falamos em cultura no singular, como aquilo que diferencia os homens de tudo o mais que existe no mundo. Culturas, no plural, é o que diferencia os homens entre si.

Você concorda com o que foi dito acima? Se existe uma pluralidade de comportamentos e práticas sociais, isto é, se existem modos diferentes de organizar e de viver a vida social, podemos dizer que existem diferentes culturas? Se existem diferentes culturas, como conseguimos conviver com elas? Escreva uma carta a alguém de quem gosta expressando sua opinião sobre esse problema. Conte o que você pensa sobre a questão e pergunte qual é a opinião dela.



Não são questões fáceis, não é? Então introduzirei mais dois conceitos na sua investigação para ver se eles ajudam a pensar. São eles: etnocentrismo e diversidade cultural.

Se você pensar que a cultura serve como uma lente para ver e pensar, e que só consegue enxergar o mundo pela lente que tem, a tendência é de que você supervalorize sua forma de ver. Ao fazer isso, é possível que desvalorize outras possibilidades de enxergar o mundo, fixando sua visão no centro de todas, como sendo a melhor, a correta, a verdadeira, a real. A única possível.

Um exemplo bem explícito sobre isso é o seguinte: se alguém está acostumado a olhar a rua pelo buraco da fechadura, a rua ganha um formato e uma extensão específica: da fechadura. Se a pessoa puder olhar da janela, então a rua ganhará outro formato e extensão. E se puder ainda sair de casa e andar, verá que a rua fica mais diferente. Então, se a pessoa ficar olhando a rua pelo buraco da fechadura, jamais poderá saber que a rua pode ser diferente e achará muito estranho que outro que esteja na rua fale dela de outra maneira. Dirá que é um louco. Um ignorante. Uma pessoa inculta, só porque enxerga a rua de forma diferente.



Metáfora é uma forma de comunicação indireta que utiliza uma história ou uma figura de linguagem e implica uma comparação.



A essa fixação da uma cultura no centro de todas as culturas, você pode chamar de etnocentrismo.

O etnocentrismo é responsável por muitos dos conflitos sociais (entre etnias, gêneros, religiões, gerações, grupos religiosos, etc.). Uma postura etnocêntrica também é responsável por preconceitos contra minorias, contra outras culturas, preconceito contra a diferença, preconceito em relação ao outro.



Você já pensou sobre isso? Sobre sua postura em relação àqueles que têm um jeito de viver diferente do seu? Como você se relaciona com os adolescentes ou com as crianças da escola em que trabalha? Você já tentou se pôr no lugar deles para tentar entender como eles pensam e vêem o mundo? Procure fazer isso observando suas práticas e conversando com eles sobre a escola ou sobre a vida. Registre por escrito a conversa e as observações para não perdê-las. Você pode precisar delas depois.

Pois é, as roupas, os enfeites, as tatuagens, o jeito de falar, as brincadeiras e muitas outras coisas que você faz e usa, ou fazia e usava, são diferentes do que as crianças e os adolescentes que freqüentam a escola fazem.

Assim, se você acredita que seu jeito de vestir, de enfeitar, de pensar e de viver é o melhor, vai achar que precisa ensinar os outros a se comportarem como você. Na escola, onde, em geral, trabalha-se para ensinar um comportamento padrão, que envolve conhecimentos, valores, disciplina, modo de pensar, entre outras formas, as diferenças de comportamento ficam bem marcadas e geralmente não são bem-vindas. Na escola, muitas vezes, acaba-se obrigando os mais jovens a pensarem e fazerem o que é melhor para os adultos, mas que não é, necessariamente, para eles. Você tem aí um exemplo do etnocentrismo.

Um outro exemplo de etnocentrismo, mais abrangente, é quando uma nação ou um grupo de nações quer fazer com que os outras tenham a mesma visão de mundo, o mesmo modo de viver, mostrando o seu **imperialismo**.



Imperialismo é a política de expansão e domínio territorial e/ou econômico de uma nação sobre outra.

Aliás, sobre etnocentrismo e diversidade cultural há uma polêmica entre teóricos no Brasil: afinal, a identidade do povo brasileiro é uma mistura das culturas dos índios, dos negros e dos europeus ou não há uma identidade única, mas diversas identidades? Observe a sua comunidade, sua escola, sua cidade, as novelas na televisão, etc. O que você acha sobre isso, com base no que vem pensando neste módulo?



Bem, se o etnocentrismo é a supervalorização de uma cultura e a ilusão de que ela é a única correta, então é porque existe mais de uma cultura. Não só existe mais de uma como as culturas são diferentes: às vezes parecidas, às vezes antagônicas (contrárias). Não são a mesma. Com isso, você pode pensar na idéia de diversidade cultural, que diz respeito às diversas culturas específicas de grupos sociais determinados que se diferenciam na construção da humanidade.

Veja mais um exemplo para que possa perceber bem o conceito de diversidade cultural.

Alguma vez você já foi a uma floresta nativa? Como se sentiu? Eu já fui e me senti perdido. Sinceramente, fiquei com medo de adentrar muito para não correr o risco de me perder. Afinal, não conhecia nada ali. Ao contrário, nas cidades, em qualquer cidade, não me preocupo se posso ou não me perder. Até tenho medo da violência, assalto, etc., mas não de me perder.

E alguém que tenha vivido a maior parte da sua vida numa floresta, será que sente a mesma coisa que sinto? A floresta tem um sentido para um índio, por exemplo, que tenha aprendido a viver ali. As árvores, os cipós, os cheiros, os rastros constituem um código, um sistema de signos, uma linguagem que o índio compreende do seu jeito. Essa é a sua cultura. Ele aprendeu e construiu esses significados. Talvez, ao contrário, na cidade, os sinais de trânsito, as ruas, os veículos, essa linguagem que eu



compreendo, lhe causem um outro sentimento. Enfim, diante de uma mesma situação, o índio e eu percebemos coisas diferentes e nos comportamos de formas diferentes. Eis a diversidade e a diferença entre nós.

Isso pode ajudar a pensar, então, que culturas diferentes têm lógicas diferentes, isto é, grupos sociais diferentes ordenam e organizam o mundo de maneiras diferentes, ao contrário da visão etnocêntrica pela qual se pode pensar que uma outra cultura, por ser diferente, não tem lógica, não tem ordem, é irracional, é absurda.

Agora, que importância pode ter para você saber que existe uma pluralidade de culturas? Ora, você já deve ter percebido que diferentes culturas se encontram, convivem umas com as outras, relacionam-se, entram em conflito, diferenciam-se. Na medida em que isso acontece, é preciso saber lidar com a diversidade sem querer necessariamente fazer com que a “sua cultura” ou uma suposta “cultura universal” se coloque sobre todas as outras. Pense bem nos exemplos anteriores.

A escola, que é espaço da diversidade, pois reúne homens e mulheres; crianças e adultos; negros e brancos; alunos, professores e funcionários; tem o papel de valorizar e respeitar a(s) cultura(s) com e pela(s) qual(is) diferentes pessoas e grupos sociais se fazem, chamam-se e sentem-se humanos.

Porém, antes de pensar na escola, pense na educação de um modo geral.



Essa é uma questão bem importante, você não acha? Que cultura é essa na qual podemos perceber as diferenças entre culturas particulares? E por que as diferentes culturas se encontram nela?



Não nos iludamos, hein! Cultura é um conceito para significar as práticas que constituem o jeito de viver e de pensar das pessoas e de grupos sociais. Já vimos isso. A cultura muda, portanto, quando as práticas sociais mudam.

4 – O humano no humano: cultura e educação

As **culturas se transformam**. Transformam-se em ritmos diferentes umas em relação a outras, conforme o contato mais ou menos freqüente entre elas e conforme as novidades (inovações) vão sendo produzidas no devir cultural.

As culturas se transformam também pela recepção que as novas gerações fazem daquelas práticas sociais que lhe ensinam as gerações mais velhas.

Um exemplo: durante muito tempo acreditou-se na vocação feminina para cuidar do lar e da educação dos filhos e na vocação masculina para trabalhar fora de casa e participar da vida pública. Quanto tempo levou para que essas crenças fossem derrubadas e mulheres e homens pudessem assumir outros lugares sociais? Não é difícil para você pensar, então, que

ficando o papel das mulheres restrito ao ambiente doméstico, ela estaria excluída de outras atividades, que só os homens podiam fazer.

Esse é um exemplo de prática social de restrição à participação de pessoas ou grupos sociais na vida pública. No caso, temos o exemplo da restrição da participação das mulheres na vida pública, que aos poucos foi sendo desconstruída e reconstruída.

Para que essa transformação (desconstrução e reconstrução) da cultura aconteça, as pessoas têm de ter um mínimo de participação nas práticas sociais. Para participar, precisam poder e saber agir, além de saber o que esperar (prever) como ação do outro. Isso seria quase impossível se as pessoas não conhecessem as regras, as normas de convívio, os símbolos, a língua, as relações de poder, enfim, os padrões de comportamento social.

Não é difícil perceber a situação das crianças quando chegam à escola, não é? Procure observar ou lembrar de alguma situação de aluno ou aluna recém chegado na escola que possa exemplificar as dificuldades que alguém sente quando chega em um ambiente social novo para ela. Procure ver ou lembrar como essa pessoa foi recebida na escola e como ela foi se inserindo na vida escolar.



No interior da cultura, portanto, homens e mulheres recebem, aprendem, reproduzem, transmitem, transformam e criam o mundo e a humanidade por meio das práticas socioculturais. Com isso você já deve ter entendido que homens e mulheres se educam e são educados nessas práticas, quando **participam** de um mundo humano.

Assim, a educação acontece em todos os lugares em que as pessoas estão se relacionando umas com as outras: na família, no trabalho, no templo, no quintal, no matto. Em qualquer ambiente desses, alguém educa alguém com ou sem intenção de educar.

O processo pelo qual homens e mulheres entram em uma cultura e aprendem a ser e a viver é denominado endoculturação.

A educação como endoculturação é a forma pela qual as pessoas



Participar sob dois sentidos: fazemos parte desse mundo e o assimilamos por um lado e, por outro, agimos nele, adaptando-o a nós.

aprendem a conviver socialmente, compartilhando, disputando e negociando valores, crenças, saberes, normas e significados. É, ao mesmo tempo, um acontecimento pessoal (educar-me com os outros) e social (sou educado pelos outros). E é, sobretudo, o modo como o humano se faz presente no próprio humano. É o modo como o humano transforma o humano.



Você deve estar pensando que, sendo a educação uma forma de transmissão cultural entre os indivíduos, então a cultura não se transforma. Será? Qual é o seu testemunho sobre isso? E o de seus colegas de trabalho? O seu modo de pensar e de viver é o mesmo dos seus pais, por exemplo? Pense na sua história de vida e procure saber da história de mais um ou dois colegas. Lembre-se de que escrever tudo é muito importante.

Se você notou que a educação é um acontecimento pessoal, precisa notar que homens e mulheres recebem o transmitido socialmente de forma pessoal. As pessoas ou grupos sociais (novas gerações ou novas profissões, punks, jogadores de futebol, por exemplo), com seu jeito próprio de receber e de se relacionar com o que recebem, com o que gostam ou desgostam, com o que valorizam ou desvalorizam, vão reinventando a(s) cultura(s). Portanto, é pela educação que a cultura e a humanidade são transmitidas, conservadas e transformadas. Educação tem tudo a ver com devir humano.

E onde entra a escola nisso?

5 – Escola, cultura e cidadania

Desde o nascimento as pessoas aprendem a viver em uma cultura que as gerações anteriores criaram. Essa transmissão cultural é a presença do humano no humano. A educação é, em sentido bem amplo, o local onde homens e mulheres se fazem, chamam-se e sentem-se humanos e educadores na vida social.

Você deve estar se perguntando o que a escola tem a ver com isso, não é?

Acontece que no movimento de transformação da cultura (criação de novos significados, de novos modos de trabalhar e de novas regras de convivência) a vida social é transformada, a ponto de as pessoas precisarem se apropriar de saberes específicos para poderem participar das práticas sociais. Isso implica uma divisão do saber e do trabalho, bem como a necessidade de novos saberes que possam dar conta de controlar a própria vida social. Por exemplo, uns aprendem e sabem para criar, outros aprendem e sabem para imitar e repetir os outros.

Muito embora essa divisão signifique bem uma situação de desigualdade social, ela está presente na cultura e a escola tem a ver com ela. A escola foi criada como instituição educativa, para transmitir às novas gerações aqueles elementos culturais (saberes específicos) necessários à participação na vida sócio-cultural, conforme a divisão do trabalho, do poder e do saber.

A necessidade de ensinar e de aprender saberes específicos para poder participar da vida sócio-cultural fez com que a escola fosse vista como lugar em que se cuida e se ensina às crianças temas que não se aprende em casa nem na rua (saberes científicos e técnicos) e lugar em que se aprende (muitas vezes sem saber) de maneira diferente os mesmos temas que se aprende em casa e na rua, ou seja, o “jeitão” humano de viver.

A escola, mesmo sendo uma instituição criada especificamente para ensinar aquele mínimo de cultura necessário à convivência das diferenças, é, como qualquer outra instituição social, um espaço em que homens e mulheres produzem, transmitem e criam cultura. Logo, é também um espaço educativo em sentido amplo: tem a extraordinária tarefa social de criar intencionalmente as condições educativas para que as pessoas possam receber, desconstruir e reconstruir o mundo humano já construído.

A escola, em sua tarefa social, educa tanto para a obediência aos costumes (padrões de comportamento) da comunidade e da sociedade, como pode educar para um posicionamento crítico e autônomo em relação a esses padrões.



LEITURAS

- SANTOS, Luiz Carlos.** *O que é cultura.* São Paulo: Brasiliense, 1983.
- BRANDAO, Carlos Rodrigues.** *O que é educação.* São Paulo: Brasiliense, 1981.
- ROCHA, Everardo.** *O que é etnocentrismo.* São Paulo: Brasiliense, 1984.
- DUARTE JR. João-Francisco.** *O que é realidade.* São Paulo: Brasiliense, 1994.

FILMES

- Mississippi em chamas*, de Alan Parker
- Blade Runner, o caçador de andróides*, de Ridley Scotte
- O enigma de Kaspar Hauser*, de Werner Herzog.
- Greystoke, A Lenda de Tarzan*, de Hugh Hudson - BB
- Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles - Brasil

PRATIQUE



Considerando o que você pensou nesta unidade, procure descrever o ambiente em que você trabalha e o trabalho que você e seus colegas fazem, tentando perceber as condições (práticas socioculturais) que têm conseguido criar para que os alunos e vocês mesmos possam se fazer, se chamar e se sentirem humanos.

2

**Linguagem, práticas
culturais e educação**



Lembre-se de que o modo como você está recebendo o que está escrito neste módulo é sua maneira de transformar a sua cultura, a cultura escolar, a cultura humana. É um modo de desconstruir e reconstruir significados e valores. Tenha coragem! Fique firme na investigação!

Como se sente depois de ter lido e estudado a primeira unidade? Foi trabalhosa? Fez pensar? Espero que sim!

Se você sentiu alguma dificuldade, procure investigá-la mais a fundo: se foi por causa das palavras estranhas, cujos significados você não conhecia ou se foi por causa da forma como o texto está escrito. E, se não foi por isso, pode ser ainda que a escrita esteja mostrando um mundo diferente do que você está acostumado. São possibilidades de entender a possível dificuldade que você tenha sentido!

Espera aí! Para que mesmo você está lendo este módulo? Para compreender o que está escrito? Para saber o que o eu, como autor, sei e penso sobre o assunto? Ou o texto é pretexto para você se perguntar, pensar e buscar respostas sobre o que acontece no mundo e na escola?

As três alternativas ao mesmo tempo? Como assim?

Ah, sim! Você recebe do seu “jeitão” aquilo que tento comunicar. Então, na leitura você precisa saber ler e interpretar a escrita. É isso? E eu escrevo tendo de saber escrever e expressar, pela escrita, o que penso e sei sobre o assunto de tal maneira que você possa ler e interpretar, não é isso? A escrita serve ao mesmo tempo para que eu expresse meu pensamento, para que eu e você possamos falar sobre as mesmas coisas, sobre o mesmo mundo e para que você possa significar as suas vivências com base na leitura que faz, ao mesmo tempo em que pode significar a leitura com base nas vivências. Buscamos nos comunicar, e, no entanto, nem nos conhecemos pessoalmente. Como isso é possível?

Eis o problema a ser investigado nesta unidade: como a linguagem e as práticas simbólicas influenciam no tornar-se humano?

Na unidade anterior, você viu que uma das práticas culturais pela qual o humano se constrói no mundo é a prática simbólica ou prática da linguagem. Aqui você verá como essas práticas de linguagem, a simbolização e a comunicação, se relacionam entre si e com o devir humano.

Chamei sua atenção nos parágrafos anteriores de que a linguagem nos possibilita ter contato uns com os outros. É uma das condições da vida sociocultural. Portanto, o humano é um ser simbólico, é um ser que cria e usa símbolos com os quais e pelos quais significa o mundo e comunica aos outros, criando, então, um ou diversos mundos simbólicos.

Quando eu escrevo, crio um mundo simbólico. Quando você lê, poderá criar outro mundo.

Contudo, nem sempre pessoas e grupos sociais conseguem se entender com outros sobre o significado que constroem no mundo.

Pois é, como dizia Platão⁷, a linguagem pode ser, ao mesmo tempo, remédio e veneno. Sim, pois se os significados são construídos na e pela linguagem, homens e mulheres podem muito bem se enganar e serem enganados com ela.

Com a linguagem as pessoas podem tanto esclarecer quanto obscurecer. Tanto podem emancipar-se, tornar-se autônomas nos seus saberes, nas suas decisões e atitudes, como podem se iludir e ficar dependentes dos outros. Sobretudo quando os outros utilizam mecanismos de poder diversos para evitar que a linguagem multiplique os significados e faça o pensamento fluir. Então, tanto as pessoas se entendem como se desentendem pela linguagem. Tanto podem dizer o que querem como podem ficar limitados a dizer o que os outros querem que digam.



⁷Filósofo grego, viveu em Atenas no século V a.C.



Você concorda que há situações em que as pessoas parecem com papagaios que só conseguem repetir o que os outros dizem e não conseguem dizer nem pensar de forma diferente? Você teria condições de descrever uma situação em que isso aconteceu? Isso já aconteceu com você? Então escreva: onde, quando, com quem e o que aconteceu.

Com base nesse problema da comunicação e do poder na linguagem, nesta unidade, você investigará o elemento simbólico da cultura no devir sócio-cultural do homem.



Você saberia dizer, antes de entrarmos em maiores detalhes sobre a linguagem, se tudo o que acontece na escola tem o mesmo significado para todos que convivem nela e com ela? Procure perguntar a alguns alunos, professores e funcionários da escola que significados eles atribuem ao recreio.

1 – Linguagem: conceito e elementos

A linguagem é elemento constituinte do humano, pois com ela o homem significa pensamentos, sentimentos, emoções, interesses, vontades e atos. Com ela, organiza o mundo humano, construindo sentido para o que faz e aprende, bem como para o que existe e acontece no mundo.

A linguagem é elemento fundamental da vida social. Com a linguagem homens e mulheres se expressam, representam as coisas, os outros, com os quais se comunicam. Sem ela a convivência humana seria muito diferente do que é.

Então a linguagem é natural aos homens? Você deve estar se perguntando. Ao que eu respondo: sim e não.

Tal como foi dito na unidade anterior, o devir humano tem elementos naturais e culturais. Isso quer dizer que há fatores biológicos que possibilitam significar, falar, escutar, escrever, ler e sentir, por exemplo. Nosso corpo, por assim dizer, possui certas condições para construir significados.

Mas esse equipamento corporal será suficiente para poder expressar, representar, significar e comunicar? O fato de você poder

escutar ou emitir algum som, ler ou escrever alguma palavra, ver, sentir ou fazer algo lhe garante que possa compreender o significado desse som, dessa palavra ou dessa realização ou ação?

Parece que não. Afinal, quando nasceu já existia uma linguagem à sua disposição, que você aprendeu para se relacionar melhor com os outros. Mesmo aqueles indivíduos cujo corpo não apresenta todas as condições para aprender a falar, por exemplo, conseguem se relacionar por meio de outras formas de linguagem.

Na escola em que você trabalha existem alunos com necessidades educativas especiais? Procure saber o que acontece com eles e como eles têm conseguido conviver e sentir-se na escola.



Pois é, além dessa capacidade biológica, a linguagem é um sistema simbólico: um conjunto de signos combinados e usados segundo regras. Esse sistema simbólico é criado culturalmente. É óbvio, portanto, que você precisa conhecer e saber usar as linguagens para poder expressar seus sentimentos, pensamentos e emoções, representar as coisas e acontecimentos do mundo e comunicar-se com os outros.

Com a linguagem você tem condições de simbolizar e com a simbolização tem condições de significar e registrar acontecimentos que não podem ser repetidos, nem revividos. Que importância tem o registro de acontecimentos? Ora, os outros só saberão desses acontecimentos e pensarão no seu significado se estiverem registrados.

Como você saberia alguma coisa sobre a chegada dos portugueses nessas terras, se Pero Vaz de Caminha não tivesse escrito cartas?

A simbolização é uma espécie de tradução — em palavras, desenhos, gestos, sons, objetos, etc. — de outras formas que não são palavras, desenhos, gestos e sons, assim como a linguagem.

Tente pensar numa situação do dia-a-dia, como o pátio da escola no horário do recreio. Nesta situação, você acabou de

investigar como as pessoas compreendem e significam esse evento. Quando você fez esse questionamento, percebeu que só podia saber o significado para elas se as pessoas falassem ou descrevessem para você em palavras, certo?

Agora se coloque numa outra posição: ao invés de escutar e tomar a linguagem oral (as palavras faladas de alunos, de professores e de funcionários) para saber o significado do pátio, procure observar você mesmo como as pessoas se comportam nesse espaço.

Você percebe como os alunos se movimentam, conversam, gritam, correm, brincam, riem, choram... E como os professores e os funcionários em geral não ficam no pátio no momento do intervalo, a não ser quando precisam cumprir alguma função específica?

Observando e descrevendo o que percebe, você criará significados para o pátio sem precisar perguntar a outras pessoas. Como isso é possível?

Ao fazer isso, você simboliza, transformando o comportamento dos alunos, dos professores e dos funcionários em expressão simbólica. Usando as palavras, você está significando, simbolizando. Ao simbolizar está usando as palavras para significar o que percebe e poder transmitir a outros. Talvez você possa dizer: "os alunos se sentem livres no pátio" ou "o pátio deixa as crianças enlouquecidas!", conforme a visão simbólica que você já tenha construído com experiências anteriores, ou seja, com seus pré-conceitos.

Simbolizar é transpor em signos e símbolos as idéias, os acontecimentos, os pensamentos, os sentimentos, as coisas, as pessoas e outros signos e símbolos.

Você usará um repertório de palavras que conhece para poder expressar o que percebeu ou sentiu ao observar os alunos no pátio, ou seja, vai falar ou escrever a alguém conforme as condições lingüísticas que tiver para isso. Talvez, quem escutar ou ler não entenda tal como você pretendeu demonstrar. Isso é um problema, porque os signos se tornam independentes dos sujeitos quando são expressos.

No caso dessa escrita, por exemplo, as palavras que você está lendo têm o significado da sua leitura e não o significado com o qual eu as escrevi.

Você compreendeu o conceito de simbolização e como construímos um mundo simbólico? Então, faça isso: observe o recreio. Depois procure conversar com alguém (um colega de trabalho, talvez) tentando dizer em palavras o que você observou e o que entendeu que acontece lá. Preste atenção se seu colega concorda com você. Preste atenção, sobretudo, em como você pode ficar sabendo se o seu colega concorda ou não com você. Qual o papel da linguagem e da simbolização nessa relação entre vocês?



Como produto da cultura e como prática cultural, as linguagens podem ser transformadas pela apropriação e pelo uso (prática) que as pessoas fazem quando as recebem, criando novos significados para os signos e novos signos para expressar pensamentos, sentimentos e acontecimentos.

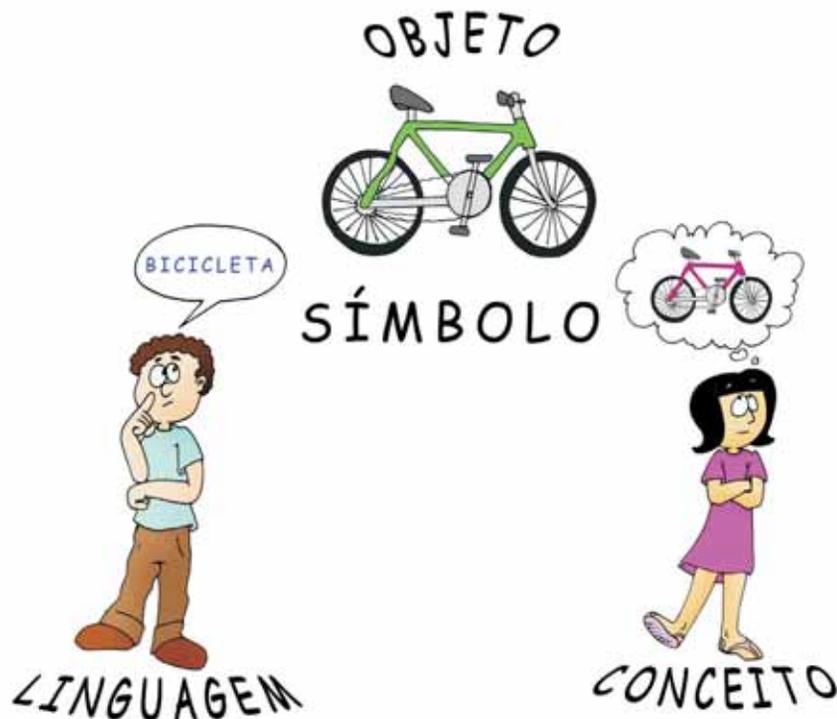
Mas, o que significa mesmo “significado”?

Que pergunta estranha, não? Qual o significado do significado?

O significado é algo que o homem cria a partir dos signos e símbolos. É o que as pessoas pensam que os acontecimentos, pessoas e palavra dizem a elas.

Acontece que os signos são significantes, assim como os acontecimentos e os homens são significantes para os homens. Eles possibilitam a construção de significados pelos quais os homens se situam no mundo. No caso do exemplo da floresta, na unidade anterior, tanto para o índio como para mim as árvores são significantes. Porém, o significado da árvore é diferente para cada um de nós. Por isso, o mundo do índio é diferente do meu. Cada um tem um mundo simbólico relativo à cultura na qual foi educado.

Então, os signos são significantes porque possibilitam que você construa, expresse e comunique significados com eles, para dizer aos outros o que sente, vê, pensa, isto é, para compartilhar, disputar e negociar o sentido do mundo com os outros.



Registrando em signos ou símbolos os acontecimentos do mundo, seus sentimentos, emoções e pensamentos podem tornar-se presentes para você mesmo e para os outros. Isso permite lembrar e pensar o passado, viver e pensar o presente e imaginar o futuro. Com a linguagem, então, instaura-se a historicidade no homem e com ela a humanização da natureza.

A linguagem também é inseparável da imaginação e da criação. Por isso, você pode dizer tranquilamente que o homem é um ser simbólico e vive num mundo simbólico, porque esse mundo é criado por ele na linguagem. Ou seja, são homens e mulheres que criam, junto com os outros homens e mulheres, o sentido da vida e do mundo humanos. Não há humano sem linguagem. O humano é um signo para homens e mulheres.

2 – Linguagem e língua

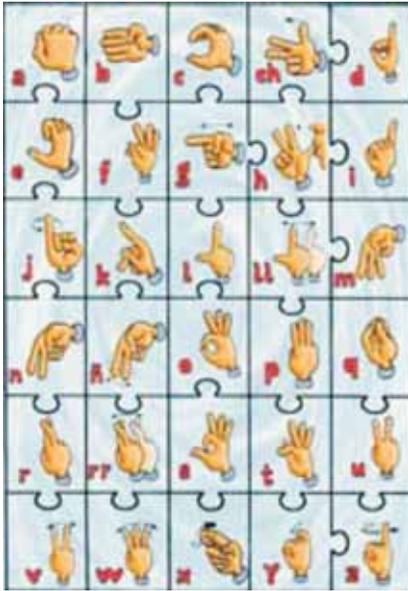
Você, talvez, possa se perguntar se **linguagem e língua são a mesma coisa, já que antes os exemplos eram sobre falar e escrever.**

Novamente vou responder: são e não são. Isso quer dizer



Você se expressa na sua língua, certo? Mas o modo como você fala é o mesmo de outras pessoas que compartilham essa língua com você? O modo como falam na sua região sempre foi o mesmo? Você diria que a língua que você fala é a mesma que seus antepassados falavam?

que a língua é um tipo de linguagem entre muitos. A língua é linguagem, mas não é toda linguagem, muito embora seja, ao longo da história, a linguagem mais importante para o homem. Tradicionalmente, as linguagens são classificadas em dois grandes tipos: as não-verbais e as verbais.



Entre as não-verbais você encontra a linguagem por sinais, por gestos, por desenhos, por cores, etc. Já a linguagem verbal são as diversas línguas faladas e escritas no mundo (portuguesa, guarani, espanhola, inglesa, por exemplo).

As línguas são convencionais, foram criadas por homens e mulheres em determinadas condições históricas e foram se constituindo em estrutura independente de quem as usa.

Como estrutura, a língua pode ser entendida como um código, um sistema simbólico, pelo qual os signos se movimentam, indo do falante ao ouvinte, do escritor ao leitor. Para isso, tem de haver um emissor (falante ou escritor) que codifica (simboliza) na língua seu pensamento e emite um signo para um receptor (ouvinte ou leitor) que o recebe e decodifica. O emissor e o receptor precisam compartilhar, saber usar a língua na sua estrutura (ter competência para isso, ter participação numa comunidade lingüística) e saber usá-la de sua própria maneira (desempenho — atos de fala ou de linguagem que realiza), ou seja, ter um “jeitão” de falar que comunique.

Esquema do Processo Comunicativo



Codificar e decodificar signos supõe que as línguas sejam transparentes como códigos. É como se o que fosse dito na fala ou na escrita tivesse um significado preciso, que pode ser compreendido pelo simples fato de se saber usar a língua. E se alguém não consegue entender os significados veiculados na língua é porque não tem competência, não sabe usá-la. Esse é um jeito de significar e entender a língua.

Contudo há um outro jeito. Quando você aprendeu a falar, quando aprendeu a usar a língua portuguesa, ela já tinha sua estrutura, porém só ao vivenciar suas experiências com ela é que a língua passou a existir, na prática, para você. Então, as práticas socioculturais com a língua dizem respeito, primeiramente, a fala humana. O homem, ao falar, criou a língua, como uma instituição sociocultural, para poder expressar alguma coisa para os outros, independentemente das regras de combinações e uso que a estruturam.

Ao mesmo tempo em que criou a língua, o homem passou a ser criado na linguagem, como indivíduo, cuja existência vai sendo marcada pelos limites da língua que o expressa pela própria boca e pela boca dos outros. Assim, você, por exemplo, vai se tornando aquilo que você mesmo diz e o que os outros dizem e escrevem a seu respeito e para você. Os limites criados pela língua permitem ou impedem você de pensar sobre o que dizem que é. Você é levado a pensar que só pode fazer o que dizem que pode fazer e ser como dizem que deve ser.

Contudo, um mundo novo pode se abrir quando você se perguntar sobre o significado do que é dito e escrito a seu respeito.

Quer dizer, um mundo novo se abre quando você percebe que pode ser você mesmo e não o que os outros dizem que deve ser.



Tem muita gente que pensa que pessoas sem escolarização têm dificuldades para aprender, para compreender conceitos e que elas têm preguiça de pensar. Vocês concordam com isso? Vocês poderiam descrever um ou mais exemplos que mostrem se essa idéia é verdadeira ou se é falsa?

Pois é, é com e pela linguagem e língua que você se torna o que é e pode mudar seu mundo e a si mesmo, mudando, ao mesmo tempo, a linguagem e a língua, quando cria outras formas de pensar, de falar, de expressar e de comunicar-se.

Na linguagem e com a linguagem é que homens e mulheres se encontram com os outros e podem perceber e imaginar como os outros pensam e vivem, do que gostam ou não gostam, o que valorizam ou não valorizam, o que sabem e o que não sabem. Mas, é por meio dela, também, que homens e mulheres constroem e aceitam muitos **preconceitos**.

Com a linguagem, portanto, você pode virar as costas ou pode tentar se colocar no lugar dos outros para conhecê-los, o que sugere que haja comunicação.

3 – Linguagem e comunicação

Como você já viu, é preciso compartilhar uma linguagem para que haja comunicação. Pode ser, por exemplo, a linguagem dos sinais ou a língua portuguesa. E é preciso, também, que se pratique essa linguagem. Com isso, você tem condições para expressar e significar alguma coisa: sentimentos, pensamentos, saberes, conhecimentos, opiniões.

Entretanto, o problema que você está investigando é a suspeita de que a linguagem pode ser remédio ou veneno ao mesmo tempo, lembra? Aquilo que alguém expressa nem sempre fica assim tão fácil de compreender na linguagem a tal ponto que o receptor possa entender o significado de um signo tal como é expresso pelo emissor.

Se o signo não é transparente para o receptor, então ele tem de dialogar com o emissor: fazer perguntas, conversar, etc. É preciso saber se o que ele entendeu é o que o emissor queria dizer. Quando isso acontece, emissor e receptor estabelecem um tipo de interação em que ambos trocam de papéis. Já não são mais emissor e receptor. São agora **interlocutores**.

Mas o que é preciso, então, para que a comunicação aconteça?

É preciso que a linguagem seja compartilhada, que os significados possam ser expressos, e mais: é preciso que eles possam ser compreendidos e que haja interação entre emissor e receptor de tal modo que sejam interlocutores. A comu-



Preconceitos são significados construídos por outros, que aceitamos sem perguntar pela sua verdadeira validade para a vida social, ou melhor, eles já estão validados para nós quando nos preocupamos com seu significado, com você pode perceber na reflexão anterior.



Interlocutores são aqueles que estão envolvidos num processo de comunicação: emissor e o receptor; os dialogantes, enfim, são pessoas que interagem entre si na e pela linguagem, sabendo usá-la.

nicação acontece com base nos signos, nas suas regras de combinação e uso, com os significados que os signos podem possibilitar e, o mais importante, com base no entendimento e cooperação entre os interlocutores na construção dos significados.



Pense nos meios de comunicação com os quais nos relacionamos diariamente: TV, rádio ou jornal, para citar os mais conhecidos. Que tipo de cooperação ou interação há entre quem emite (apresentadores, locutores e escritores) e quem recebe (espectadores, ouvintes e leitores) os signos? Como você se coloca diante de um noticiário de televisão, por exemplo? Não vá adiante sem pensar nisso!

Com os meios de comunicação parece que não há interlocução, não é? Você é um mero espectador, ouvinte e leitor. Só tem direito de entender aquilo que é dito sem poder questionar, pedir esclarecimentos, ter mais informações. Embora receba informações, não está autorizado, socialmente, a questioná-las. Não existe interlocução com os meios de comunicação.



Assista ao noticiário da televisão. Preste atenção em quem tem autoridade para participar da construção do significado dos acontecimentos. Quais são as pessoas que opinam e defendem algum significado sobre acontecimentos políticos, por exemplo?

A comunicação exige ações cooperadas e interativas. Isso quer dizer que, para comunicar-se você precisa estar em contato com o seu interlocutor.

Comunicar-se com os outros, contudo, não significa que tenham de chegar a acordos e produzir significados coletivos. O caso é que, estando em contato, você pode interagir, participar, questionar, ter uma compreensão mais consistente do que o outro diz e, com isso, fica melhor informado, podendo se posicionar melhor em relação ao que é dito.

Na comunicação, portanto, os interlocutores podem trocar diferentes perspectivas e colocarem-se no lugar um do ou-

tro. Nessa condição é que se estabelece o diálogo entre eles. Assim, eu posso muito bem aprender que a floresta tem um significado para o índio que não é o mesmo para mim. E você pode aprender e compreender que o que o recreio significa para os alunos não é o mesmo que para os professores e funcionários, por exemplo.

4 – Diálogo, comunicação e educação

Diálogo é a palavra compartilhada. Uma situação de interlocução ou interação, pela linguagem, em que os participantes têm direito à fala e, é claro, direito e dever à escuta.

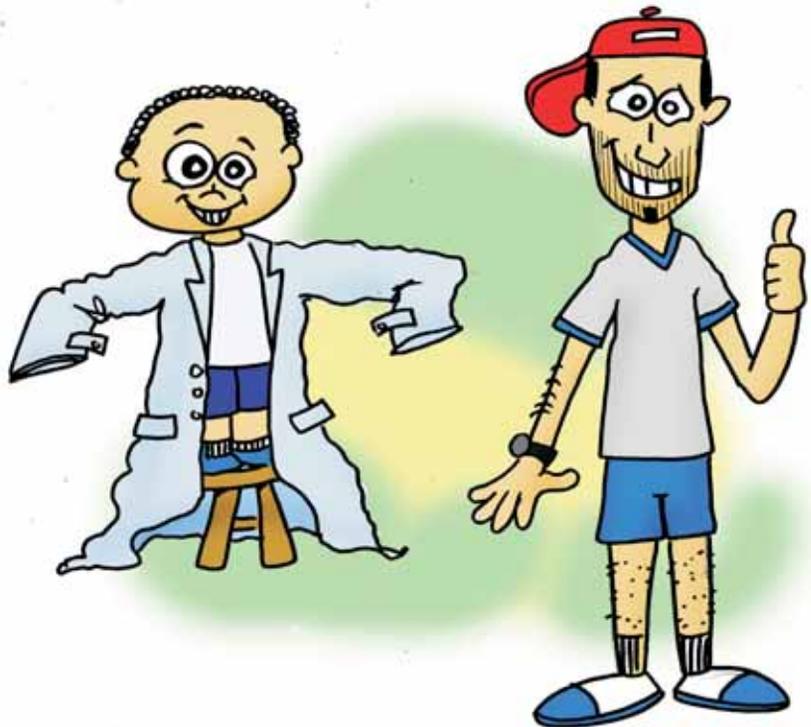
E por que o diálogo é fundamental na comunicação?

Ora, porque é dialogando que você busca compartilhar, disputar e negociar significados com os outros. Sem diálogo, a vida social perderia o sentido, pois não seria possível perceber as diferenças nem, muito menos, construir, negociar, disputar, compartilhar significados socioculturais.

Mas, perceba: a história da humanidade e dos grupos humanos é a história de transformações, de mudanças, de devir, justamente na tentativa de criar condições para a vida social. Assim, segundo o mais conhecido educador brasileiro, Paulo Freire:

O diálogo deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos (...). Isto é, o diálogo é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os seres humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e re-fazem".⁸

⁸Paulo Freire. Medo e Ousadia. 2ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p.122-3. (O cotidiano do professor).



O diálogo vivenciado na busca da comunicação pode levá-lo a assumir uma postura crítica, isto é, uma postura de quem é e quer ser autônomo no pensamento e na ação. Essa postura assumida no diálogo pode levar a duas situações.

A primeira é a de produzir significados coletivos, acordos sobre o mundo, sobre nós mesmos, sobre a vida. Aqui, a comunicação visa à disputa e ao convencimento, sem que as posições dos interlocutores sejam necessariamente trocadas.

A segunda, ao contrário, abre para múltiplas possibilidades de significação com base no fluxo das diferentes falas (culturas e pensamentos) que se manifestam no mundo, ao contrário da idéia de uma fala (cultura e pensamento) única e universal. Aqui a comunicação visa à expressão para que os diferentes possam trocar posições.



Procure pensar sobre as situações de diálogo que você participa na escola. Aquelas informais com os colegas na hora do cafezinho e aquelas institucionais, como uma reunião de trabalho. Você nota alguma diferença? Em que consiste essa diferença? Para que fique bem nítido para você, procure descrever em detalhes uma e outra situação, assim poderá comparar melhor.



Pois em que consiste educar-se e educar senão em compreender e tomar posição frente ao sentido da fala e da ação (práticas e atitudes) do outro, para que possamos também falar e agir?

Apesar de diferentes, em uma ou em outra situação, **uma cultura do diálogo educa no diálogo**, isto é, pode possibilitar que os diferentes se encontrem para dizer uns aos outros o que pensam, como vivem e o que esperam da vida, além de possibilitar que, desse encontro com o outro, novos significados possam ser criados. Dialogar com um aluno sobre o que ele pensa sobre o recreio pode levar você a ter uma outra visão do aluno, do recreio e de você mesmo.

Contudo, se você quiser compartilhar a palavra, não é apenas pela compreensão dos significados dela que vai conseguir. Você precisa construir a situação para poder validá-los. Não é porque um significado é compreendido que ele pode ser considerado válido, isto é, aceito.

Voltando à situação da sua relação com este texto, por exemplo, pode ser que você não tenha nenhuma dificuldade de compreensão. Mas isso não significa que o esteja aceitando para as suas práticas escolares. Mesmo sem compreender e

aceitar, poderá, contudo, ressignificar o seu próprio modo de agir.

Uma educação dialógica, assim, é sempre uma educação crítica que consiste na possibilidade de os interlocutores trocarem de papéis, exporem o sentido daquilo que fazem ou dizem quando querem ensinar e aprender, de tal maneira que quem escuta possa questionar, duvidar, expressar outros significados até poder compreender e aceitar ou criar outras possibilidades de significação.

Então, você pode dizer que uma educação dialógica e crítica se afirma na base da interação, da interlocução, do diálogo e da argumentação, que compõem um momento participativo de reflexão e significação, mas nunca se afirma apenas na disciplina, isto é, na repetição daquilo que as autoridades dizem: governantes, estudiosos, padres, pastores, professores, entre muitos.

5 – Escola, comunicação e cidadania

Na instituição escolar, como um espaço cultural e social, muitas vezes supõe-se que o significado das coisas, dos acontecimentos, das ações e mesmo dos conhecimentos podem ser transmitidos transparentemente pela linguagem. Basta um dizê-lo que o outro o compreende! Mas, se Platão estiver certo, você precisa pensar melhor sobre isso, não é? Sim, pois, como acabou de ver, a linguagem não é tão transparente assim como muitos supõem.

Que influências isso pode ter em seu trabalho na escola?

Retome a situação do recreio que você observou para pensar nos efeitos do simbólico no devir humano e na vida social na qual se educa. Tente entender melhor isso.

Você viu que os significados podem ser construídos a partir da observação de situações novas e de significações já construídas em outras experiências (pré-conceitos). Assim, não é difícil notar que, de alguma maneira, essa relação também se dá na linguagem (no simbólico).

Homens e mulheres regram (disciplinam) o comportamento pelos significados. Com a significação modelam valores, poderes e formas de inclusão e de exclusão nos grupos sociais. A linguagem tem o poder de cristalizar idéias, significados e comportamentos, como os exemplos abaixo:



LEITURAS

BORDANAVE, Juan E. Díaz. *O que é comunicação.* São Paulo: Brasiliense, 1982.
HOUAISS, Antônio. *O que é língua.* São Paulo: Brasiliense, 1990.

FILMES

Ilha das Flores, de Jorge Furtado
Domésticas – O Filme, de Nando Olival e Fernando Meirelles
Cidade de Deus, de Fernando Meirelles

- 1) “Os alunos se sentem livres no pátio”;
- 2) “Os alunos enlouquecem no pátio”.

São duas significações diferentes sobre o comportamento dos alunos, relativas à postura assumida por quem observa:

- 1) quando busca compreender a situação;
- 2) quando quer verificar na situação um significado já construído.

Essas duas posições podem levar à tomada de decisões na escola, conforme aquilo que nela se tem entendido por educação, considerando que ela tenha um projeto político-pedagógico e que a comunidade tenha participado na construção do significado da educação proposto nesse projeto.

Por exemplo, com base na segunda significação, gente louca é gente que não sabe e não pode conviver com outros, então precisa ser disciplinada para que possa se comportar como pessoa normal. A disciplina na sala de aula e o controle das pessoas no recreio seriam práticas educativas com esse fim. Contudo, nesse exemplo, não se questiona se o comportamento exigido na sala de aula tem algo a ver com o comportamento do recreio, isto é, se a disciplina exigida em sala não afeta o comportamento no recreio.

Será que afeta?

Como instituição que educa, a escola se faz em um espaço de participação, de interlocução, de compartilhamento, de disputa e de negociação de significados que implicam transformações na vida pessoal de cada um dos que a freqüentam e na vida social de todos.

Você pode pensar, então, que a linguagem tem uma dimensão comunicacional que possibilita compreender o significado expresso por alguém pelo diálogo, isto é, no momento da interlocução, quando dois ou mais indivíduos (duas ou mais culturas) se relacionam por meio da linguagem.

Nas relações e pelas relações que homens e mulheres estabelecem com a linguagem, com o mundo e com os outros na e pela linguagem é que criam, mantêm, transformam e recriam as instituições, os valores, as relações, enfim, organizam a vida e o mundo dando a eles sentido e constituindo o modo de viver humano, por meio da cultura e identidade. Com a linguagem homens e mulheres se educam e são educados.

Entreviste alguns professores e funcionários da escola em que você trabalha (pode ser uns 10) e pergunte qual o significado do seu trabalho para a educação. Anote as respostas. Depois, analise e reflita sobre as respostas e compare com o significado que você mesmo pensa sobre o que faz na escola. Você verá que os significados variam. Você percebe alguma coisa diferente sobre o seu trabalho que você ainda não tinha se dado conta? Você acha que com isso seu trabalho pode ficar diferente?



3

**Trabalho, práticas
culturais e educação**

Espero que a unidade anterior tenha lhe ajudado a pensar o significado de mundo simbólico e como o homem pode se tornar diferente pela linguagem. Espero, também, que você possa ter entendido o que significa “ser simbólico”: a condição humana de simbolizar, significar e comunicar com signos e símbolos, além de ser, o humano, um signo.

Agora, passemos ao terceiro problema que está envolvido na nossa investigação e reflexão sobre o devir humano e educador: qual a influência do trabalho no tornar-se humano?

Como o assunto trabalho atravessa vários módulos desse curso, vou levantar algumas questões rápidas sobre o trabalho como prática cultural. Questões sobre as quais você pode começar a pensar aqui e continuar pensando ao longo do curso e da vida.

Você deve lembrar que, na Unidade 1, relatei trabalho com uma dimensão prática do homem. Lembram? Trabalho como prática de transformação da natureza.

Você concorda com isso? Você pensa que trabalhar está muito mais relacionado com a ação, com a prática e com o fazer do que com o pensamento e com as formas simbólicas? E você, já pensou o porquê disso? Isso parece ser assim por que, trabalhando as formas materiais são transformadas, não?

Em outras palavras, talvez você pense que trabalho tem a ver com resultados materiais do que o homem faz. Por exemplo, a sardinha que nadava livre nos mares, agora é sardinha enlatada. O petróleo que estava escondido no subsolo terrestre, agora é combustível. As árvores da floresta que guiavam o índio e me assustavam, agora viraram móveis. São inúmeros os exemplos e todos eles estão ao alcance dos olhos e das mãos, são tangíveis.

Mas não se engane sobre essas questões, pois com o trabalho o homem também transforma as forças materiais em forças simbólicas: linguagens, valores, idéias. O que se faz com os braços, também se faz com o pensamento. E vice-versa. Com a diferença de que com os braços o trabalho é feito com força física e com o pensamento se usa força intelectual. Contudo, não é difícil notar que você pensa quando trabalha fisicamente

e, de alguma maneira, usa força física no trabalho intelectual.

Então, mesmo que o seu trabalho aparentemente exija apenas força física, há nele, também, forças simbólicas e normativas. É sobre isso que eu gostaria de convidá-lo a investigar e refletir nesta unidade.

Tente transformar a situação em um problema, partindo das seguintes perguntas: o que o trabalho pode ter a ver com o conceito que temos de humano e com a identidade? Será que meu trabalho tem alguma coisa a ver com o que sou e penso que sou? Trabalhando estou educando? Se educo outros e me educo com o meu trabalho, como isso acontece?

1 – Trabalho: conceito

Comece a responder as perguntas anteriores pensando no significado de trabalho, que é o conceito central nesta unidade.

Na unidade anterior, você viu o que é simbolizar e significar o mundo pela palavra e como, com isso, é possível tomar consciência e/ou enganar-se no que se pensa sobre o mundo e sobre os outros.

Viu também que os significados são criados por homens e mulheres, portanto, podem ser transformados, esquecidos e recriados. Nesse sentido, há uma pergunta a ser feita: o que significa trabalho para você?

Antes de seguir a leitura, escreva o que você pensa que é o trabalho. Ao final da unidade, retome o que escreveu e faça uma crítica.

REFLEXÃO



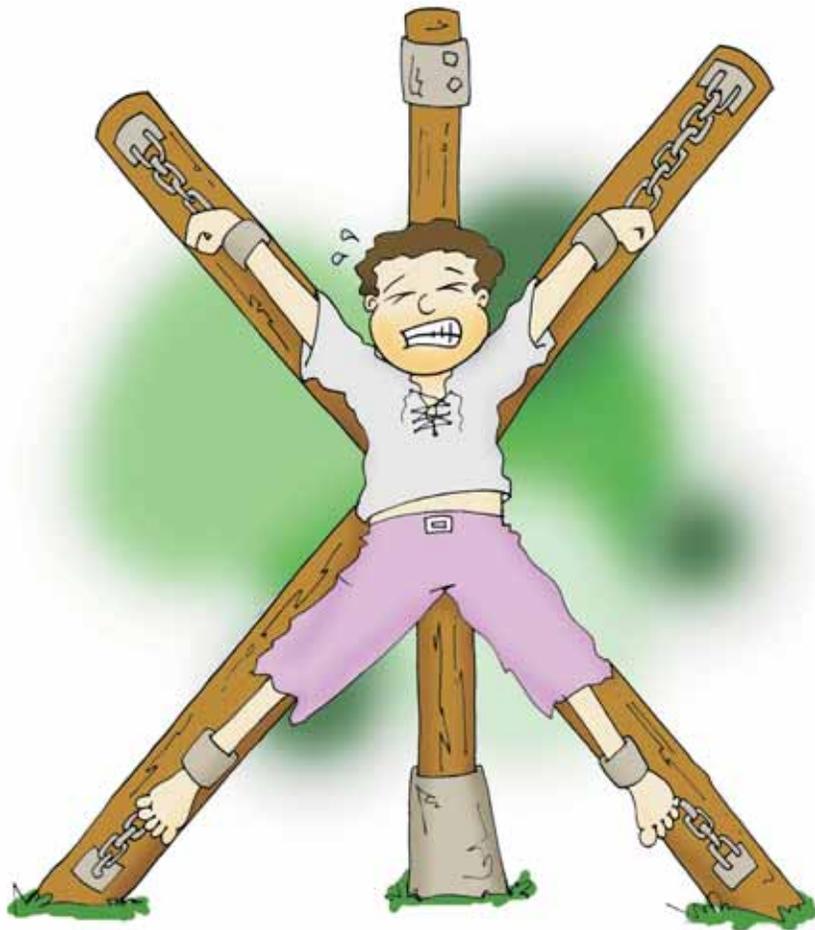
A origem da palavra trabalho está no substantivo da língua latina *tripalium*, que era usado para nomear um instrumento agrícola formado por três paus pontiagudos, usado para bater cereais. Há a hipótese de que também teria sido usado como instrumento de tortura. A esse substantivo liga-se o verbo *tripaliare*, cujo significado é torturar.

Como você pode notar, o **significado etimológico** da palavra trabalho tem a ver com sacrifício, com dor, com sofrimento. Foi com esse significado que a tradição do pensamento ocidental começou a pensar o trabalho.

SAIBA MAIS



Etimologia é o estudo da origem das palavras. Muitos pensadores buscam na etimologia elementos para entender melhor o significado corrente ou para mostrar como o significado foi transformado pelo movimento histórico.



Entre os antigos gregos, o trabalho era relacionado com a escravidão. A escravidão, na filosofia de Aristóteles⁹, por exemplo, funda-se no pensamento de que há homens que, naturalmente, não podem ser considerados humanos pelo seu modo de viver, porque dependem do trabalho para sobrevivência.

Entre os romanos, o trabalho seria uma espécie de castigo, uma punição para os derrotados nas guerras. Os romanos **escravizavam** os povos dominados pela força de seus exércitos.

Já entre os cristãos, na Idade Média, o trabalho era associado à dor, ao sofrimento e à servidão.

Dos gregos ao final da Idade Média, o trabalho era símbolo de exclusão social, ou, pelo menos, as pessoas que dependiam do trabalho não participavam da vida política.

Como assim “símbolo” de exclusão?

Alguns trabalhavam para a sobrevivência de todos, enquanto outros se dedicavam ao conhecimento, à espiritualidade e ao governo. Nisso o verdadeiro homem se aproxima mais das coisas espirituais, enquanto aqueles que produzem apenas as condições materiais de sobrevivência (para si e para os outros) estão mais próximos da animalidade, segundo uma visão etnocêntrica, é claro. Ou seja, o trabalho era considerado “coisa de bicho”.

É que, na antiguidade, a verdadeira vida humana, a vida ideal, a natureza humana, estava na vida contemplativa; na vida dedicada ao conhecimento e à virtude moral. A vida contem-



No Brasil, ainda hoje, temos notícias de que pessoas são escravizadas por outras, o que é, por direito, considerado crime.

⁹Filósofo grego que viveu no século IV a.C.

plativa é aquela em que se pode dedicar exclusivamente ao pensamento e às coisas da alma e do espírito, para atingir a perfeição e o encontro com as forças superiores da natureza ou coisas divinas.

Contudo, a partir do Renascimento (séculos XV e XVI, na Europa) e com a modernidade, o trabalho ganha um outro significado: ele passa a ser considerado como uma força de criação, como modo de intervenção humana na natureza, para transformá-la.

Segundo Hegel, filósofo alemão no início do século XIX: “foi com o trabalho que o ser humano ‘desgrudou’ um pouco da natureza e pôde, pela primeira vez, contrapor-se como sujeito ao mundo dos objetos naturais”¹⁰. Quer dizer que, diferentemente dos antigos e medievais, os modernos passam a ver a humanização no trabalho e não mais apenas sofrimento e castigo.

Esse significado dá uma outra importância ao trabalho. Ele já não é mais símbolo de exclusão, mas é o modo como o homem se afirma diante da natureza. Os homens já não buscam apenas contemplar a natureza, querem também agir sobre ela.

Na modernidade, então, é que o trabalho é valorizado como prática cultural pela qual o homem deixa de se sentir submetido às forças da natureza, passando a se sentir dono do seu nariz. Isso significa que o homem ganha liberdade e faz a sua própria história pelo trabalho. Contudo, esse homem de que se fala é apenas um conceito, uma significação, conforme o que já se estudou sobre cultura e linguagem.

Considere o que você pensa que é o trabalho e o que significa trabalhar. Você concordaria com Hegel de que pelo trabalho os homens se tornam livres da natureza e produzem a sua história com liberdade? E na relação entre os homens, é possível pensar o mesmo, de que as relações de trabalho são livres?



Independência do homem em relação à natureza é um significado possível para trabalho.

Para mim, nesse momento, trabalho significará o modo como,

¹⁰Citado por Konder, Leandro. O que é dialética? 22ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 24.

diferentemente de outros animais, o homem pode projetar e produzir os meios para sobreviver e viver melhor. Ou seja, trabalho será a palavra que utilizarei para significar a atividade humana ou a prática cultural pela qual homens e mulheres transformam a realidade e constroem material e simbolicamente o mundo: cultivando alimentos, criando instrumentos, construindo moradia, sabedoria, normas de comportamento e de relação, etc. Com essas práticas homens e mulheres educam e se posicionam no mundo como humanos.

Trabalho, bem entendido, não é o mesmo que emprego. Ter emprego significa ocupar um cargo ou um posto de trabalho socialmente reconhecido. Contudo, mesmo que não tenhamos um emprego não deixamos de trabalhar, isto é, de produzir as condições materiais e intelectuais de vida, ainda que essas condições sejam apenas individuais ou familiares.

Você pode pensar, assim, que toda prática cultural é trabalho, na medida em que com elas o homem age em um mundo já construído, para transformá-lo em outro mundo com a esperança de uma vida social melhor.

2 – Trabalho, técnica e tecnologia

O mundo, hoje, não é mais o que já foi alguma vez. Nem o mundo natural, nem o mundo humano. Isso porque, além das forças da natureza, a força do trabalho humano atuou para transformá-lo. Mas, isso não se deu só por meio da força física, a força intelectual também contribuiu. O próprio homem desenvolveu instrumentos e formas de trabalhar e produzir as condições para sobreviver e viver melhor, de tal maneira que mudou as próprias condições de trabalho.

O que quero dizer com isso?

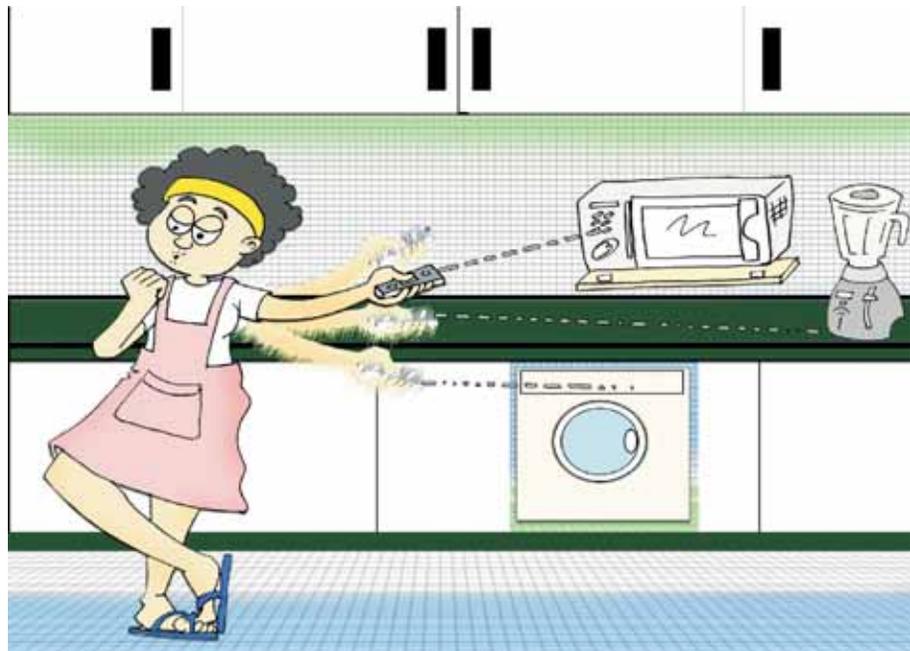
Afirmo assim que o mundo humano é o mundo da cultura, produto da simbolização, do regramento e da produção de homens e mulheres.

Com a simbolização, homens e mulheres podem registrar e

Já a tecnologia significa um conhecimento construído pela investigação sobre as técnicas, isto é, tecnologia seria o estudo das técnicas mais apropriadas (eficientes, eficazes, competentes) a serem aplicadas na produção, circulação e comercialização do que foi produzido. Tecnologia significa, ao mesmo tempo, um conhecimento que indica a necessidade de invenção e de produção de equipamentos que tornem mais eficientes, eficazes e competentes a produção.

Por exemplo, a invenção do fogão à lenha, depois a gás, depois o forno elétrico, depois o forno de microondas. Todos são resultados da evolução tecnológica, em que um equipamento vai superando o outro, com agilidade, eficiência e eficácia no cozimento. E, parece claro, cozinhar em microondas muda as práticas de cozimento, muda as refeições e os hábitos alimentares, ou seja, as condições materiais de cozimento e alimentação se tornam diferentes. Com isso, os significados e valores alimentares também mudam.

Não é difícil perceber que o trabalho se torna diferente e o trabalhador, no caso, por exemplo, a cozinheira que prepara o alimento, também deverá mudar.



A escola em que você trabalha dispõe de tecnologia. Quais e em que espaços da escola? Como ela tem sido utilizada nas práticas diárias da escola?

Para fazer seu trabalho você precisa de conhecimentos técnicos? Procure descrever como você faz o seu trabalho para saber disso.



3 – Trabalho manual e trabalho intelectual

Se toda prática cultural é trabalho e as práticas culturais são diferentes, logo, há diferentes tipos de trabalho e diferentes formas de trabalhar. Ou seja, o homem percebe que pelo trabalho pode garantir a sobrevivência e viver melhor. Isso permite que o trabalho se torne o centro da organização da vida social. Essa organização dividiu o trabalho entre os homens e sofreu transformações históricas, devido ao aparecimento de novas condições de trabalho, as quais dizem respeito às transformações técnicas e tecnológicas do mundo.

Considere o conceito de trabalho que viu antes. Observe se há trabalho na escola em que você está. Se houver, procure descrever em que consiste e se está dividido em tipos de trabalho específicos. Liste e descreva cada um dos tipos de trabalho realizados na escola, procurando ver se há alguma hierarquia entre eles e com base em que essa hierarquia é estabelecida.



Escrevi anteriormente que há tipos diferentes de trabalho e que na organização social o trabalho é dividido, servindo como elemento de regramento e hierarquização na sociedade. Uma das divisões que ocorre é aquela que separa trabalho manual e trabalho intelectual.

Pelas rápidas informações históricas apresentadas na seção sobre o conceito de trabalho, espero que você tenha percebido que o trabalho desvalorizado, usado para punir, fazer sofrer e excluir, é o trabalho manual, isto é, aquele que supostamente exige apenas força física.

Essa divisão se baseia na diferenciação entre teoria e prática, que se estabeleceu na organização social desde os gregos antigos e torna-se ainda mais enfática no mundo moderno, com as transformações na economia a partir da Revolução Industrial, iniciada no século XVIII.



A divisão entre trabalho manual e intelectual remonta a Aristóteles e sua classificação do conhecimento em teórico e técnico e este em ação e fabricação.

Tal divisão favorece a hierarquização na sociedade, que põe o saber teórico ou trabalho intelectual ao lado do poder e o trabalho manual sob domínio e controle do saber. Isso leva a crer que existem pessoas que sabem mais e outras que sabem menos; que existem pessoas cultas e pessoas incultas; que as pessoas cultas (que sabem mais) são melhores, mais humanas do que as incultas (que sabem menos). Ou seja, há uma significação e valorização do trabalho intelectual em contrapartida a uma desvalorização do trabalho manual, este subjugado, ficando o trabalho intelectual para quem “sabe mais” e o trabalho manual para quem “sabe menos”.



Você concorda com isso que leu agora? Você pensa que algumas pessoas valem mais do que outras por causa do conhecimento que têm e do trabalho que fazem? Você percebe essa diferenciação na escola? Procure descrever a organização do trabalho na escola e pense: algum tipo de trabalho é mais importante que os outros na educação?

4 – Trabalho, alienação e educação

Aqui cabe chamar a sua atenção apenas sobre a visão simbólica que a modernidade criou para o trabalho, tornando o humano uma abstração de si. Um sujeito sem rosto.

Como assim?

É que com a Revolução Industrial, o conhecimento e os equipamentos técnicos e tecnológicos tornam o trabalho mais mecânico, mais previsível e dividido. O trabalho, assim, parece uma espécie de espaço vazio que o trabalhador vai preencher. Quando um estiver cansado, ele é dispensado e outro entra em seu lugar.

O trabalho já não é mais trabalho. É uma função social e o trabalhador já não trabalha mais, naquele sentido de transformar

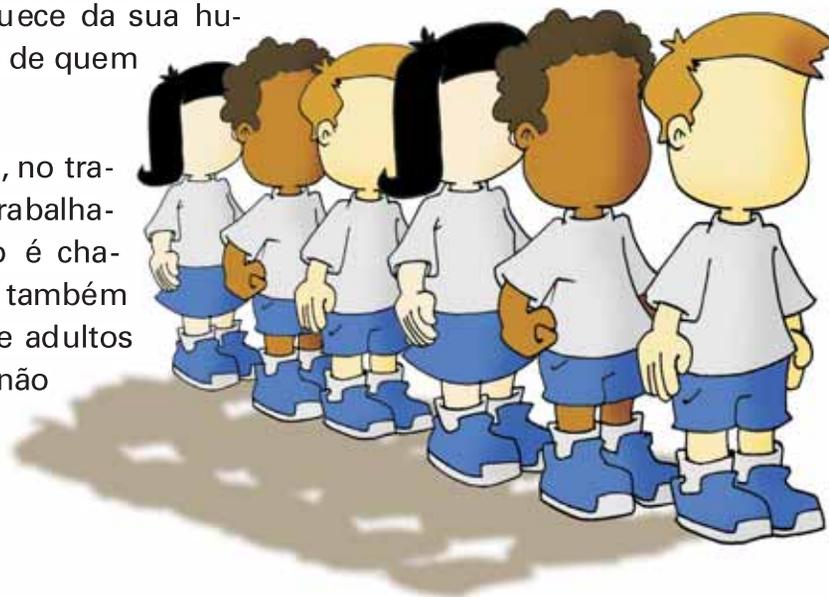
livremente a natureza e a ele mesmo para produzir-se como humano. Passa simplesmente a cumprir uma função cujo fim ele desconhece: não tem consciência. Essa falta de consciência de homens e mulheres no trabalho, simplificada, você pode chamar de alienação.

Converse com alguns colegas de trabalho, os funcionários educadores. Pergunte se o que eles fazem na escola tem algum objetivo educativo. Tente saber se o objetivo do trabalho na escola tem a ver apenas com a presença das crianças ou se teria algum outro objetivo que não esteja imediatamente relacionado com a escola.



Bem, se trabalho é toda a prática cultural, como eu disse, então quando você está educando, está trabalhando e vice-versa. Você concorda? Agora, se o trabalho ou a educação faz você esquecer que o que realiza constitui o devir humano, então trabalha alienadamente. Conseqüentemente, educa sem saber que educa. Se for assim, no trabalho e na educação que faz, ao mesmo tempo, esquece da sua humanidade e da humanidade de quem por você é educado.

Decorre dessa situação que, no trabalho, você é chamado de trabalhador; exercendo sua função é chamado de funcionário; assim também na escola crianças, jovens e adultos são chamados “alunos” e não conseguem se sentir nem se chamar humanos.



5 – Escola, trabalho e cidadania

Nesta seção, vou resumir a unidade para que você possa investigar as relações do trabalho com a escola e a cidadania.

Primeiro, o trabalho foi significado como prática cultural pela qual o homem transforma o mundo já existente. Você viu que o trabalho é um símbolo central na organização da vida social, pois dele depende as condições de sobrevivência da humanidade, seja o trabalho manual ou intelectual. Viu que as con-

REFLEXÃO



Para que direção estamos indo? Não sabemos, apenas estamos indo...

dições de trabalho mudam com as transformações técnicas e tecnológicas e que, em decorrência disso e de outros fatores, trabalho e trabalhador ficam alienados das finalidades da ação do trabalho, que é a construção do humano na sua humanidade.

Viu que em qualquer tipo de trabalho homens e mulheres se transformam e educam. Contudo, se o trabalho é realizado em um espaço especificamente criado para educar, como a escola, é preciso ter claro que direção tem a educação realizada no espaço de trabalho, isto é, na escola.

Chamo a sua atenção, novamente, ao fato de que, na escola, assim como em qualquer espaço social, você está sempre educando. Sabendo disso, pode, então, agir de forma profissional, cidadã e humana, tendo consciência do que faz e para que faz. Isto é, precisa decidir qual educação oferecer aos alunos da escola em que trabalha.



PRATIQUE



Faça um exercício. Convide alguns alunos para passar meia hora junto com você no seu espaço de trabalho (na cozinha, no pátio, no banheiro, na secretaria) e procure explicar a eles o que você faz, por que e para que está fazendo. Diga a eles, também, qual a relação e a importância do seu trabalho na educação deles. E, é claro, deixe-os perguntar e dizer o que pensam também. Depois, relate a experiência por escrito, compare-a com os resultados da atividade da unidade anterior, sobre o significado do seu trabalho, e entregue ao seu tutor como parte integrante do memorial.

Para esta unidade, o importante era pensar um pouco sobre as relações entre trabalho, educação e identidade humana. É claro que há muito mais temas interessantes a serem pensados sobre esse assunto, mas não cabem todos aqui.

Agora, responda: como e com base em quê você decide sobre uma educação possível e desejável para as escolas públicas? Reflita.

A resposta a esse problema pode estar na próxima unidade.



LEITURAS

ALBORNOZ, Suzana. *O que é trabalho*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

KONDER, Leandro. *O que é dialética*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

FILMES

***Tempos modernos*, de Charles Chaplin**

***Eles não usam black-tí*, de Leon Hirszman**

4

**Valores, práticas
culturais e educação**

Muito bem, sua investigação chegou ao ponto em que já pode perguntar pela influência dos valores no devir humano, na constituição da identidade de educador profissional.

Valores? Vem cá, a identidade tem valor? Quanto custa? Dá para comprar? Dá para trocar? É possível vender? Quanto se paga por ela?

Calma aí! Essas perguntas se referem a apenas um tipo de valor, que é o valor de mercado, isto é, o preço estipulado na troca de uma mercadoria por dinheiro. O valor de mercado tem uma forte influência na organização do mundo humano, atualmente. Tanto que quando se fala em valor, logo se pensa em dinheiro.

O valor de mercado interessa aqui apenas para chamar sua atenção de que a educação, elemento central na constituição da identidade humana, tem sido valorizada como mercadoria de uns tempos para cá. Mercadoria cara! Não é para qualquer um não!

Neste momento você deve se perguntar: e quem não puder pagar pela educação o valor de mercado, como fica?

E eu respondo: para essa cultura que valoriza tudo como mercadoria, quem não puder pagar fica de fora, fica excluído! Simples, não?



É claro que não é assim tão simples, pois a educação e a identidade têm outros valores que não os do mercado, pelos quais você não precisa pagar em dinheiro, mas com a própria dignidade humana: são valores estéticos, éticos e políticos.

Você quer saber qual desses valores é mais caro? Será o do mercado ou serão os outros?

Bem, essa é uma questão que você mesmo pode decidir. Para isso precisa pôr todos na ponta do pensamento para saber o valor de cada um.

O que você se perguntou? Quer saber o que é que estou dizendo quando escrevo sobre valores e valoração?

É só continuar com a leitura.

1 – O conceito de valor

Quando digo valores, refiro-me àquelas referências simbólicas pelas quais você dá ou não importância ou peso às coisas, às pessoas, às idéias, às ações e aos acontecimentos. Os valores não lhe deixam ficar indiferente ao mundo e aos outros. Com base neles é que você diz: isto é caro! Aquilo é feio! Fulano é honesto! Isso que você fez foi uma injustiça comigo!

Dar importância ou não é o mesmo que valorar ou atribuir valor a alguma coisa, a alguma pessoa, a alguma idéia, a alguma ação. Por isso, quando você valora não fica neutro. Assumindo uma posição sobre aquilo que valora diante de outras posições possíveis, você disputa, negocia e constrói significados e valores para a vida e o mundo humano, nos quais você se encontra com outros: a vida e o mundo sociocultural. Logo, também os valores são construídos social e culturalmente e você participa da construção e da transformação deles.

Sendo construídos socialmente, os valores não estão nas pessoas, nem nas coisas, nem nas idéias, nem nas ações e nem nos acontecimentos. Tampouco estão nas pessoas que atribuem valor a eles. Os valores resultam de juízos (aquilo que dizemos) que as pessoas fazem conforme a relação que estabelecem com outras pessoas, com as coisas, etc., aceitando-as ou rejeitando-as, mas jamais ficando indiferentes a elas. Por exemplo, você pode valorar o trabalho dizendo: “trabalho é liberdade, por isso é bom!” ou então: “trabalho é sacrifício, por isso é ruim”.

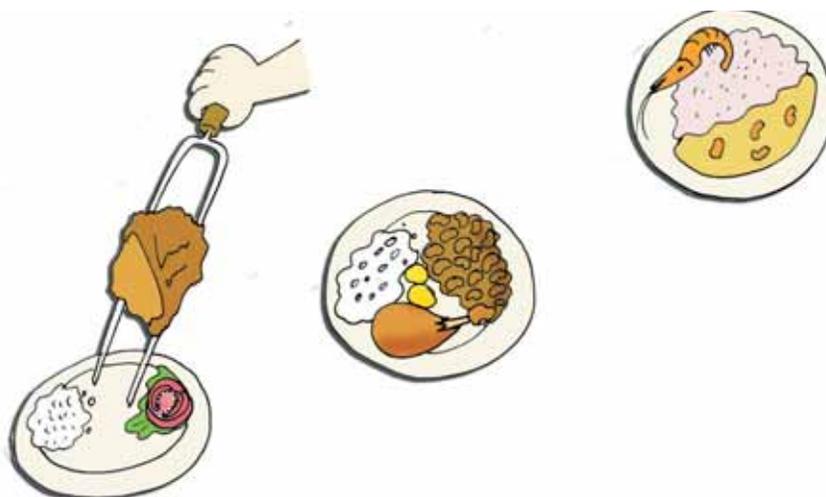
Ao mesmo tempo, como você nasceu em um mundo cheio de significados e valores criados por seus antepassados, aprendeu a valorar (atribuir valor, avaliar, apreciar) afirmativamente certas coisas (gosta, acha importantes) e outras a valorar negativamente (não gosta, acha que não são importantes).

Não é difícil de entender isso, é? Em todo o caso, veja um exemplo do seu dia-a-dia: a alimentação.

Você sabe bem que no Brasil há uma enorme variação geográfica (clima, vegetação, solo, etc.). Essa variação oferece diferentes repertórios alimentares (frutas, carnes, refeições, temperos, etc.) nas diferentes regiões, do Rio Grande do Sul ao Amapá. Assim, as pessoas aprendem a gostar de comer certas coisas enquanto outras aprendem a gostar de outras. Se me perguntarem, por exemplo, se um churrasco de costela bovina é mais ou menos gostoso do que carne de bode assada (vejam que são dois pratos semelhantes), eu não terei dúvida em dizer que o churrasco é mais gostoso. E você, dirá o mesmo? E entre pinhão e pinha¹¹, o que você prefere?

É diferente dizer, por exemplo: “o pinhão é marrom e a pinha é verde” do que dizer que “o pinhão é mais gostoso do que a pinha”, não é? A segunda expressão é tipicamente um juízo de valor. Na comparação, eu afirmo que pinhão é melhor que a pinha.

As preferências alimentares são bons exemplos para entender como alguém valora, aprecia, avalia: os alimentos têm sabores, mas alguém só diz se são mais ou menos gostosos conforme o que sente ao comê-los. Conforme o gosto, que aprende a ter a partir dos hábitos alimentares.



¹¹Pinhão é a semente do pinheiro-do-paraná ou araucária, árvore de floresta de clima frio. Pinha é o fruto da pinheira, semelhante à fruta-do-conde, típica das regiões de clima quente

Entretanto, os valores não expressam apenas gosto. Com eles você expressa o modo como sente o mundo (valores estéticos), o modo como se relaciona com os outros no dia-a-dia (valores morais), bem como suas posições em relação às coisas públicas (valores políticos), como ficará mais claro a seguir.

Você, certamente, acha que algumas coisas são belas. Pense em uma. Ela é bela por que tem beleza ou por que lhe é agradável?



2 – Valoração estética

Você, talvez, já tenha passado em frente a um salão de beleza. Talvez até já tenha entrado em um deles para fazer algum tipo de transformação no corpo: cortar o cabelo, fazer um penteado, arrumar as unhas, uma maquiagem. Quando fez isso, o que esperava? Suponho que esperava mudar a aparência para uma mais agradável, mais bela, mais interessante. Mas tudo isso aos olhos de quem? Como sabe se ficaria mais bela ou belo, interessante e agradável?

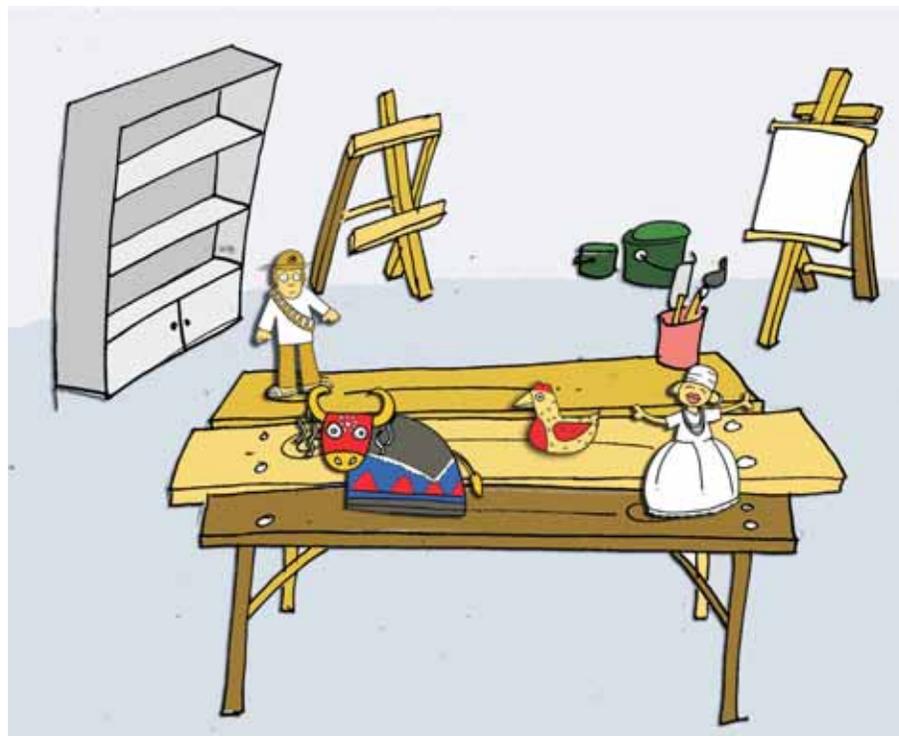
Um outro nome que se tem dado aos salões de beleza, de uns tempos para cá, é o de estética, você já notou? E você consegue fazer alguma relação entre “salão de beleza” e “estética”? Entre ter uma aparência mais agradável e valor estético?



Essa reflexão não foi difícil. Pois é, a estética diz respeito à afetividade e sensibilidade, à percepção e ao sentimento das pessoas em relação às coisas, às outras pessoas, às idéias. Para expressar o que sente, o homem se vale de diversas possibilidades: a fala, a escrita, os gestos, o desenho, a música, o artesanato, a dobradura, a aparência do nosso corpo. Enfim, faz metáforas, transforma sentimentos em signos para dizer aos outros como se sente e como sente as coisas, as pessoas, os acontecimentos, a vida social.

A expressão em signos que afeta a sensibilidade humana é a arte. A arte é o elemento cultural criado para manifestar os valores estéticos; elemento importantíssimo, então, de uma

cultura e da educação nessa cultura. Pela arte você aprende a apreciar o gosto, o prazer e a beleza, assim como o desgosto, a dor e a feiúra. Também pode expressar a vida como comédia ou tragédia por meio da arte.



Mas, e quanto aos valores estéticos? Quando é que você valoriza esteticamente o mundo?

Valora esteticamente quando diz se alguma coisa é **bela ou feia**, se é **agradável ou desagradável**, se causa prazer ou dor, se é de rir ou de chorar, por exemplo. Quando diz isso está atribuindo valor estético a essa coisa.

Até aí tudo bem. Todos têm liberdade para se expressar e valorar a expressão dos outros. O problema é quando, num mundo em que os diferentes se encontram, você percebe certos padrões de aparência e de beleza que não são os da cultura em que vive. Não são aqueles criados na sua cultura e que, muitas vezes, sequer lhe são possíveis e mesmo assim entram e fazem parte da sua vida como se fossem naturais e válidos para todo mundo. Apoderam-se das suas significações e põem em xeque os seus próprios padrões estéticos.

Quando os homens começaram a usar brinco, o que você sentiu e pensou? E o que sente e pensa agora quando vê um homem usando brinco?

Então, o que pode acontecer nessa situação em que valores que não são os seus entram na sua vida?



Um exemplo de certos padrões de aparência e de beleza que não são os nossos são os modelos e manequins humanos: magros, altos, sorridentes e, até bem pouco tempo, brancos. É como se fossem a perfeição e tivessem de agradar a todos. Daí sonhamos em ser como eles ou tê-los presente nas nossas vidas.

Ao longo da minha escrita, insisto na importância de você se colocar no lugar do outro. E vice-versa, insisto na importância de você se colocar diante do outro, para o outro.

Quando o outro coloca seus valores em xeque, ele lhe põe numa situação crítica, cuja conseqüência não é nem a supervalorização dos padrões dele nem a sua autodesvalorização em relação a ele. Ou seja, assumindo uma postura crítica, o que pode acontecer são transformações na sua cultura e na do outro. Você pode receber a imagem do outro sem que precise desvalorizar a sua própria. Constrói assim uma nova sensibilidade para a valoração estética.

Na escola isso é importantíssimo. Possibilitar que as pessoas possam expressar e trocar seus sentimentos, sua imaginação, suas intuições, seus gostos, é valorizar a criatividade e a construção de maneiras diferentes de produzir sua própria imagem e participar da desconstrução e reconstrução da cultura a partir da escola.



Pergunte-se: o que me agrada e me provoca maior emoção? Alguma coisa engraçada ou alguma coisa triste? Peça, na biblioteca da escola ou na biblioteca municipal ou a algum amigo, dois textos literários. Um engraçado e outro triste. Faça a reflexão com base na leitura e no sentimento seu em relação aos textos. Aprecie também a escrita dos autores, se são textos que dão prazer na leitura ou se são textos chatos.



3 – Valoração ética

Homens e mulheres são educados nas relações sociais e nessas relações, óbvio, relacionam-se com outros homens e mulheres. Para que as relações se mantenham (e se transformem), cada um tem de corresponder às expectativas dos outros. No esforço dessa correspondência, seguem-se certas regras que orientam o padrão de comportamento que constituem a moral.

O humano se torna moral ou ético na educação, nas relações que estabelecem com os outros, sabendo valorar os comportamentos e ações deles e, sobretudo, os seus próprios comportamentos e ações.

Nas relações sociais, quando você é obrigado a agir de determinada forma, conforme regras com as quais não concorda ou não participa da sua construção, pode dizer que não decide como agir. Está diante da heteronomia, isto é, você obedece a regras construídas por outros.

Ao contrário, quando decide como agir, aceitando as regras de convivência e participando na sua construção, você pode dizer que é **autônomo**: obedece a regras construídas por você mesmo com os outros.

Mas, bem-entendido, ser autônomo não significa agir a revelia do grupo. Ao contrário, a autonomia é relativa à cultura do grupo. Por exemplo: se você sabe e participou da construção do Projeto Político-Pedagógico da escola, que orienta para uma educação crítica e participativa, será autônomo para planejar e realizar práticas coerentes com isso. Mas você não será autônomo planejando e realizando práticas que contrariem essa orientação escolar.

Você tem aí dois valores morais que lhe ajudam a decidir sobre os comportamentos e ações: heteronomia e autonomia, o que é melhor para a vida social?

Você já viu que a escola é um espaço de relações e práticas sociais. Nas práticas que se realizam no espaço escolar é necessário considerar a existência de regras. Quais são as regras consideradas mais importantes na escola em que trabalha? São aquelas que estão afirmadas nos documentos legais como regimento e projeto político-pedagógico ou as da prática cotidiana, que não estão escritas em documento algum?

As práticas que realiza no dia-a-dia estão cheias de regras e de valores morais. Os valores, portanto, não são impostos, eles resultam das relações e, porque homens e mulheres se relacionam, aceitam-nos ou recusam-nos, conforme a validade para o convívio, isto é, conforme a **consciência moral**.

Assim, costumeiramente, chama-se moral o conjunto de regras e valores sociais que organizam e orientam o comportamento e a ação dos indivíduos nas relações sociais.

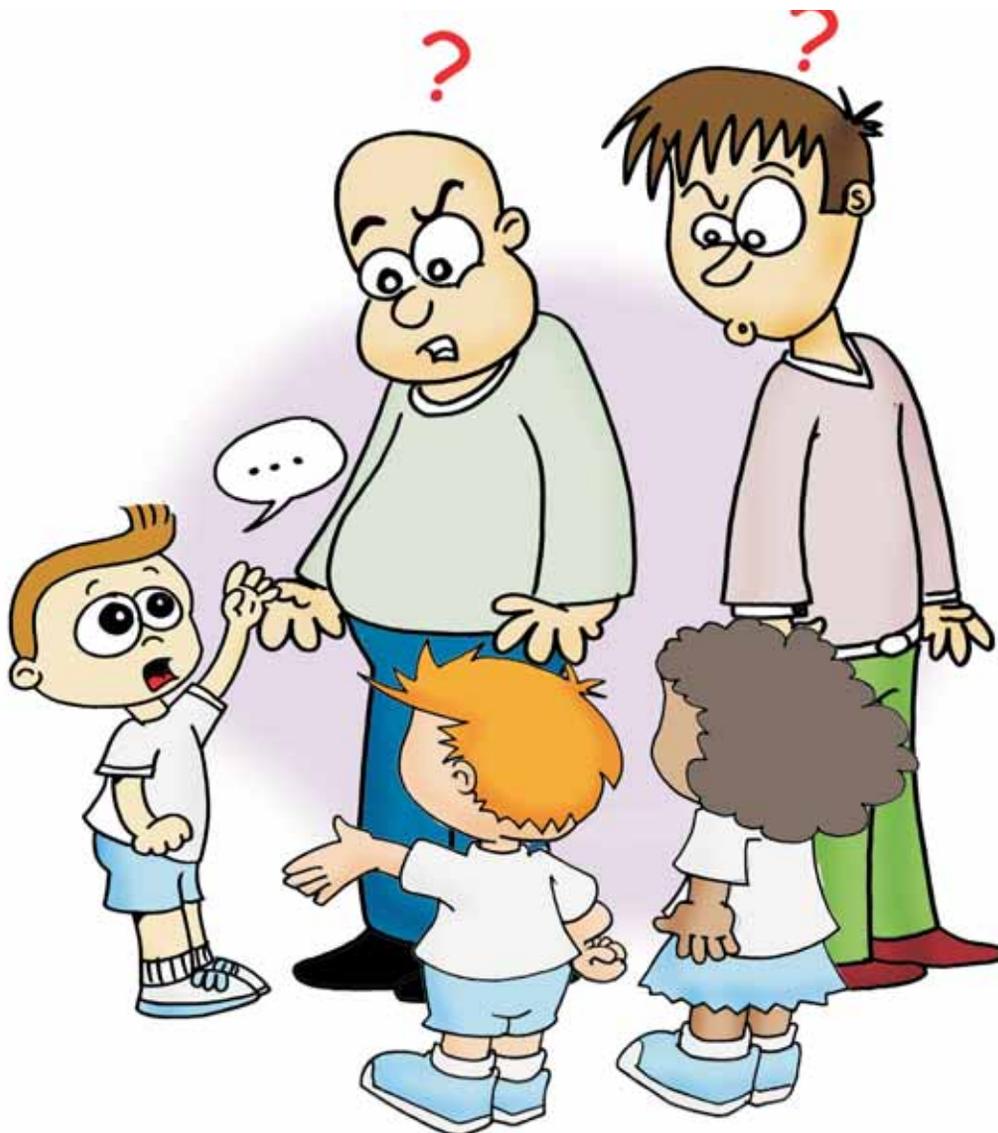


Consciência moral diz respeito às regras e aos valores percebidos em nossas práticas, para podermos decidir sobre sua validade no convívio, na vida social. Essa consciência vai depender dos fins buscados pelo grupo. Por exemplo, se o grupo busca a felicidade ou o bem, ou ambas as coisas, as regras e valores poderão ser diferentes.

Entre muitos valores morais, você tem: a amizade, a responsabilidade, a autonomia, o respeito, a honestidade, a solidariedade, por exemplo. Com base neles, podemos dizer se o comportamento de alguém faz bem ou faz mal para o convívio social.

Com base nos valores morais, então, você pode decidir sobre o que vale a pena ou não fazer para a conservação e transformação da vida social.

Por exemplo, em sua opinião, as crianças devem ficar caladas ou podem participar de uma conversa entre adultos, escutando e dizendo o que pensam? O que é melhor para o convívio nesse caso?



4 – Valoração política

Com um olhar político sobre homens e mulheres, você os identifica como cidadãos, isto é, indivíduos que compartilham um território e vivem nele organizados sob certas leis que os protegem e garantem certos direitos sociais, independentemente das diferenças culturais.

Como cidadão, você participa de um Estado que, além do território e das leis, é constituído por um conjunto de instituições de poder que legislam (Poder Legislativo), fazem cumprir a legislação (Poder Judiciário) e implementam políticas públicas para efetivar e aumentar os direitos de todos (Poder Executivo). **Instituições de poder** nas quais você tem poder e direito de participar.



Não podemos confundir Governo e Estado. Como disse, o Estado é um conjunto de instituições. O Governo é um grupo de pessoas que ocupa o comando do Estado com um programa de políticas públicas para a construção da cidadania. Esse programa pode ser ou não elaborado com a participação dos cidadãos.

Como cidadão, você tem direitos e, em relação a esses direitos, é igual a todos os homens e mulheres que pertencem ao mesmo Estado. Aí já encontra um primeiro valor pelo qual pode valorar a dimensão política da vida humana: a igualdade de direitos.

Contudo, não é porque é cidadão que você deixa de ser humano. Embora muitas ações que pratica ou que são praticadas por outros perdem o sentido da humanidade por atribuírem ao Estado e ao Direito uma existência independente dos cidadãos. Um exemplo disso é quando você pensa que o Estado deve garantir todas as condições para a boa educação na escola pública, esquecendo que é co-responsável, como cidadão, pela educação. Então, se o Governo faz descaso das escolas, por que é que você iria se ocupar com ela afinal?

Como você já viu, o mundo humano é criado e produzido social, cultural e historicamente. Logo, o Estado e os direitos (o Estado de Direito) também foram inventados como forma de organizar a vida social e não existem sem os cidadãos.

O Estado, por isso, não pode ser considerado como algo alheio e privado dos cidadãos. Uma visão dessas estaria alienada. O Estado (território, leis e instituições) é público e tudo o que está sob sua guarda é público. Sendo público, pertence a todos os cidadãos. Então, cada cidadão tem responsabilidade para cuidar, conservar e transformar as coisas públicas e o próprio Estado, tanto quanto tudo o que o homem cria culturalmente. As coisas públicas devem ser socialmente controladas por quem de direito as possui: os cidadãos.

Participar da vida pública, sentir-se bem nela, ter motivos para

estar nela, diz respeito à **cidadania**. A palavra cidadania, embora quase sem significado depois de tantas significações empregadas, ainda ocupa lugar no que os governos pretendem para a educação escolar através das políticas públicas para a educação. Sobretudo na escola pública, mantida pelo Estado e pela qual você é co-responsável.

Nesse sentido, participar significa assumir responsabilidade e compromisso com aquilo que pertence a você e aos outros: as coisas públicas.

Você se torna cidadão pela participação e pela responsabilidade que tem com as coisas públicas, mantidas ou não pelo Estado, pertencentes a todos os cidadãos.

Nesse caso, a educação escolar não é uma caridade do Estado, mas um direito dos cidadãos, dos que são co-responsáveis pelo que o Estado faz. É importante ressaltar que falo do Estado e não do governo. Muito embora, preciso admitir que, se um governo implementa políticas públicas contrárias ao bem-estar coletivo, ou ele exclui gente da cidadania ou as gentes o excluído.

Exclusão e inclusão política, social e cultural são valores muito presentes nas discussões e estudos políticos atualmente. Por isso, é interessante que você leve em consideração em seus juízos críticos sobre as políticas públicas esses dois valores. Qual é a melhor política educacional: a que exclui ou a que inclui os cidadãos na vida pública?

Você sabe o que é política de educação inclusiva? Procure se informar na sua escola com os diretores, colegas e professores. Depois procure saber, observando as práticas educativas, como e em que condições essas políticas acontecem na escola. E não se esqueça de anotar suas observações e reflexões, considerando a sua participação nessas práticas.

Agora você pode pensar, portanto, que cidadania, participação, democracia, igualdade de direitos, inclusão e exclusão são valores que não pode dispensar para valorar a vida pública, a dimensão política da vida humana.



Cidadania é a palavra utilizada para dar significado à condição de ser cidadão: aquele que participa da vida pública e do Estado.





5 – Escola, valores e cidadania

Espero que o que você leu, investigou e pensou nas seções anteriores desta unidade possa ter ajudado a construir uma significação sobre como a educação e as coisas humanas podem ser valoradas por homens e mulheres. Espero que tenha percebido que elas são valoradas de diversas maneiras: econômica, estética, ética e politicamente. E todos esses valores estão presentes ao mesmo tempo na escola e em tudo o que homens e mulheres fazem.

Por outro lado, há uma cultura e uma(s) política(s) que têm forçado a barra para que a educação seja valorada como mercadoria e, com isso, parece que a identidade humana e de educador terá de ser paga. Mas o preço a pagar é um preço que você precisa decidir e que poderá ou não ser calculado em dinheiro.

Como você tem visto desde a primeira unidade deste módulo, a educação pode acontecer independentemente das intenções de educar. Mas viu também que, quando da criação da escola, a educação se tornou intencional, como prática social. Com a criação da escola pública, a educação tornou-se um direito para que todos possam participar da vida social e ter acesso aos direitos de cidadania.

Considerando que na educação escolar as pessoas, as coisas, as ações e os acontecimentos são valorizados a partir de valores hegemônicos, e que podemos nos posicionar sobre essa educação a partir de valores diferentes, parece que estamos na situação de disputar e negociar o que pode e deve e o que não pode e não deve estar presente na educação escolar. Isso faz da educação um ato político. O que você pensa sobre essa questão, levando em conta o que leu, percebeu e pensou no estudo deste módulo? Que valores poderiam ser compartilhados para uma vida coletiva em que todos possam se sentir bem? Como isso poderia se fazer presente na escola? Como podemos participar?

O direito à educação, como direito ao acesso aos direitos sociais, contudo, parece ser ambíguo, pois a educação escolar

com vistas à cidadania e ao trabalho coloca um dilema a ser significado e valorado para que você possa escolher e decidir sobre como se posicionar: a educação, afinal, vale como mercadoria ou como direito?

Essa significação e valoração têm a ver com o projeto de vida social que você imagina, sonha e espera alcançar. Para alcançá-lo, tem de fazer escolhas e decidir sobre o que precisa para viver essa vida sonhada. Com base em valores, você faz escolhas, toma decisões, diz o que é e o que não é importante, o que vale e o que não vale a pena fazer. Então, significações, costumes, regramentos, padrões de comportamento terão sua importância colocada em jogo na escola e em todos os espaços educativos onde se valora o que é feito como educação.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB — Lei n. 9.394/1996) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), tal como penso, valorizam o trabalho e a cidadania como contextos que dão sentido àquilo que deve ser aprendido na escola. E o que precisa ser aprendido, pela orientação da LDB e dos PCN, são **competências** para participar da vida produtiva (trabalho) e da vida pública (cidadania): competências técnicas, cognitivas, reflexivas e inventivas.

Essas competências, que estão no centro da organização curricular das escolas brasileiras, têm a ver com os eixos estruturais da educação na sociedade contemporânea, que propõem uma cultura globalizada, que exige uma educação global (a mesma para todos os cidadãos do mundo) com foco em: aprender a conhecer, a fazer, a viver e a ser, o que traz implicitamente a idéia de flexibilidade no trabalho e que exige dos indivíduos iniciativa e responsabilidade própria sobre o que fazem.

Como você pode notar, os PCN e a LDB não dissociam formação para o exercício da cidadania e preparação para o trabalho, procurando, ao contrário, articulá-las na escola, o que permite levantar a suspeita de que as competências para o exercício da cidadania não diferem das competências para o trabalho. Afinal, ser trabalhador é o mesmo que ser cidadão?



Tal como entendo, competências são as condições pessoais que temos para cumprir e ocupar uma função e responder às exigências da sociedade. Se não tivermos competência, então não poderemos competir com outros que disputam a ocupação dessas funções conosco.

PRATIQUE



Considere o problema colocado acima e a atividade que você fez na unidade anterior. Você acha que a competência no trabalho é o principal valor para o exercício da cidadania? Ou você acha que há outros valores mais importantes? Se existem, quais seriam? Como você poderia contribuir para a construção desses valores na escola por meio do seu trabalho? Não deixe de considerar o que já pensou sobre o trabalho e a cidadania!

5

**Práticas culturais
na escola e cidadania**

Nesta última unidade de estudos, tentarei destacar alguns elementos que considero importantes para que você possa se situar e re-situá-lo no perguntar e pensar sobre o devir sociocultural do humano, do educador, do profissional.

Você iniciou a investigação com os seguintes questionamentos gerais: o que faz com que eu me chame e me sinta humano? Como me tornei o que sou hoje? O que isso tem a ver com a educação e a escola?

Esses questionamentos estão relacionados a outros problemas diante dos quais você se colocou em cada unidade, de maneira que o problema inicial ganhou complexidade como problema geral, ao mesmo tempo que foi especificado nos seus elementos principais: linguagem, trabalho e valores.

Nessa especificação, você deve ter percebido que em cada unidade o texto abriu possibilidades de relações entre escola e cidadania, o que pode ser retomado aqui para ver se você constrói mais alguns significados.

Na primeira unidade, a escola foi significada e valorizada como espaço educativo, criado para ensinar às novas gerações os elementos culturais mínimos para a convivência social e para o trabalho. Você viu, também, que os elementos culturais variam em diferentes e diversas culturas e que elas se relacionam umas com as outras de modo que ambas se transformam. As relações são de compartilhamento, de disputa, de negociação e de construção de significados e de modos de viver. Além disso, foi visto que o que se aprende na escola poderia ajudar na construção de uma identidade humana no mundo. Resta saber, entretanto, como é possível construir uma cultura que contribua para isso, quando diversidade cultural e etnocentrismo estão em jogo na educação escolar.

Na segunda unidade, foram problematizadas as práticas simbólicas, práticas de linguagem e de linguagem na escola, para ver qual o sentido de uma cidadania educada no diálogo e na comunicação. Um outro problema colocado foi se a educação escolar ajuda na construção de uma sociedade crítica, bem-informada e disposta a participar da criação de outros mundos e de outras relações sociais. Essa unidade sugeriu que as relações com a linguagem não são tão óbvias como parecem e podem trazer numa série de dificuldades de entendimento e de poder para as relações na escola.

Na terceira unidade, foram problematizadas as práticas de

trabalho, que são ao mesmo tempo práticas educativas. Ali, aparece a suspeita de que num mundo em que homens e mulheres trabalham somente para sobreviver, sem pensar em outras possibilidades para o que fazem no trabalho, podem ficar alienados em relação ao que produzem. Na escola, instituição criada para ensinar, se o trabalho é alienante, a educação também poderá ser, para aqueles que trabalham e se educam nela. Então, perceba que todo trabalho na escola educa e todo trabalho, então, deve ser planejado para educar, mesmo que os resultados não sejam os desejados.

Por último, na unidade 4, você se deparou com as práticas valorativas. Ali se perguntou pelo valor da educação e, especialmente, da educação escolar. Questionou se educar para o mercado e para o trabalho é a mesma coisa e se tem o mesmo valor que educar para a cidadania, como orienta a legislação brasileira. Percebeu que para decidir sobre essa questão precisa escolher e compreender os valores envolvidos e que esses valores podem ser construídos e desconstruídos na escola.

Com o que foi investigado nas unidades anteriores, você pode pensar que homens e mulheres se tornam humanos quando podem experimentar em suas vidas a possibilidade de falar e de escutar os outros, de expressar-se e perceber os outros, de sentir-se e de sentir os outros integralmente: como seres simbólicos, produtivos, sensíveis, morais e políticos. Pode pensar, também, que homens e mulheres vêm a ser o que são pela educação de que participam com outros homens e mulheres.

Agora que você já se re-situou no problema do devir humano e da identidade do educador profissional, resta perguntar e pensar mais diretamente o que a escola tem a ver com isso.

Problematizar a escola é importante porque ela é responsável por um tipo de educação que pode ou não contribuir para a humanização de homens e de mulheres. A escola, sobretudo a escola pública, é a instituição pela qual o Estado garante o direito à educação e onde se dá acesso aos direitos sociais às pessoas. O que resta saber é que conceito de humano é construído na escola que educa para o trabalho e para a cidadania.

Para que você perceba bem esse problema, compreenda um último conceito, bastante importante na gestão escolar: o conceito de currículo.

Você sabe, desde o Módulo 1 — Funcionários de escolas: cida-

dãos, educadores, profissionais e gestores —, que o currículo é constituído por determinados conteúdos. Esses conteúdos são selecionados e escolhidos entre tudo o que se produz culturalmente. A seleção e a escolha são feitas com base em significações e valorações. Valorar é atribuir valor, importância, peso às coisas. Quem escolhe e decide sobre os conteúdos oficiais do currículo, em geral, são especialistas em educação, conforme uma política curricular. O currículo tem a ver com uma vida social desejada (por todos ou por alguns) que a escola pode ajudar a construir. Você sabe, também, que a escola é pedagogicamente autônoma.

Aqui, entretanto, sugiro que pense o currículo de forma diferente. Não apenas o currículo oficial, mas o currículo da escola em que trabalha.

O currículo da escola, tal como penso, abrange todos aqueles conteúdos cognitivos, procedimentais, comportamentais, valorativos e disciplinares desenvolvidos nas salas de aula, juntos a todas as experiências vivenciadas na escola fora da sala de aula e que também envolvem conhecimentos, procedimentos, comportamentos e valores.

Além disso, o currículo abrange elementos presentes em vivências individuais e coletivas que são também experimentadas fora da escola. Com isso, você não pode deixar de notar que as vivências escolares se relacionam com as vivências não-escolares.

Quer dizer que homens e mulheres se educam dentro e fora da escola. Levam para dentro o que aprendem fora e levam para fora o que aprendem dentro. Aprendem na escola com as condições que trazem de fora e vice-versa. A escola e o “fora da escola” estão presentes na vida o tempo todo.

Sendo assim, você não pode tratar os outros e ser tratado ora como sujeito escolar (professores, diretores, funcionários, alunos, pais de alunos e comunidade escolar), ora como sujeito não-escolar (cidadãos, trabalhadores, consumidores, contribuintes, etc.), pois ninguém deixa de ser o que é quando está na escola ou fora dela.

O que entra em jogo, então, para pensar o currículo escolar, diz respeito à vida de homens e mulheres na sua integridade.

O currículo da escola, contudo, é constituído por todas as vivências e experiências sistematicamente planejadas, visando ao ensino e à aprendizagem de elementos culturais seleciona-

dos e institucionalmente tidos como relevantes para que homens e mulheres possam vir a atender a expectativas sociais oficiais: serem trabalhadores e cidadãos, fundamentalmente.

Mas, dependendo das condições em que são planejadas as experiências educativas (especialmente aquelas das relações entre o dentro e o fora da instituição), a escola pode educar futuros desempregados, excluídos, discriminados, por exemplo. Nesse sentido, na escola não se pode experimentar qualquer coisa, de qualquer maneira, para quaisquer finalidades.

Compare o que os alunos da escola em que você trabalha aprendem com o que é ensinado aos alunos da escola **Múltipla Escolha do programa Malhação, da Rede Globo de Televisão. Faça isso para perceber como as vivências são diferentes. Esse programa é apresentado de segunda a sexta-feira, às 17h30min, horário de Brasília.**



Entretanto, ainda que as experiências vivenciadas na escola sejam planejadas para atingir o objetivo de educar trabalhadores e cidadãos, elas não estão separadas de outras situações socioculturais que possibilitam outras experiências, de modo que os resultados do planejamento não podem ser previstos com rigor. É assim, afinal, que a cultura é transformada: pela recepção que homens e mulheres fazem dela nas suas vidas.

O caso é que as mesmas pessoas participam e aprendem a ser o que são tanto nas vivências escolares como nas vivências não-escolares, sob as condições de umas e de outras, como você já viu.

Assim, questionar a sua participação e do outro na escola e na educação sugere que investigue: o que se ensina e o que se aprende na escola? Onde se ensina e onde se aprende na escola? Como se ensina e como se aprende na escola? Quem ensina e quem aprende na escola? Para que se ensina e se aprende na escola? Que relações existem entre as pessoas nas práticas escolares?

Veja um pouco, então, das condições curriculares em que se aprende na escola, atentando que o currículo, da forma que proponho, faz-se pelas práticas e vivências escolares pelas quais se podem aprender coisas diferentes das que são ensinadas na sala de aula.

1 – O que se ensina e o que se aprende na escola?

A pergunta “o que se ensina e o que se aprende na escola?” diz respeito a conhecimentos, procedimentos, comportamentos e valores. A orientação dos PCN, enquanto currículo oficial para o ensino fundamental, centra-se nos chamados temas transversais (cidadania, ética, diversidade cultural, trabalho, meio ambiente, saúde e sexualidade) e para o ensino médio nos contextos do trabalho e da cidadania, em torno dos quais as escolas devem organizar autonomamente seu Projeto Político-Pedagógico e seus projetos educativos, dos quais você tem o direito e o dever de participar.

Contudo, convido-lhe a valorizar outros conhecimentos que se aprende ao mesmo tempo na sala de aula e fora dela e que, normalmente, não são tão valorizados na escola.

Na escola, homens e mulheres (crianças, jovens e adultos) vivenciam o escrever e o ler. Eis duas atividades que vivenciam diariamente na escola. Além do ler e do escrever, vivenciam também o falar e o escutar. Vivenciam o pensar, o fazer e o trabalhar. Vivenciam o criar e o sentir. E, é claro, vivenciam o ensinar e o aprender. Vivenciam o educar. Vivenciam o decidir, o escolher e o valorar. Na escola, homens e mulheres vivenciam o mundo próprio, o mundo dos outros e compartilham, pensam, imaginam, planejam, projetam, criam outros mundos possíveis, juntos.

São tantas coisas vivenciadas na escola que, muitas vezes, tenho dúvidas se alguém consegue percebê-las e experimentá-las a um só tempo. Ou seja, não tenho certeza de que cada um consegue dar conta de tudo o que é vivenciado na escola a tal ponto de poder pensar, significar e aprender tudo.



Você consegue perceber e experimentar tudo o que acontece na escola? Se você percebe e experimenta alguma(s) coisa(s), sabe dizer como acontece(m)? Essas coisas que você percebe ou experimenta são coisas planejadas ou acontecem espontaneamente? Você consegue distinguir as coisas planejadas das espontâneas? Você participa das atividades planejadas na escola? Como?

2 – Onde se ensina e onde se aprende na escola?

Nas vivências escolares, você também experimenta a participação em espaços de convivência. A escola é um espaço constituído de uma multiplicidade de espaços diferentes: sala de aula, pátio, cozinha, secretaria, sala da direção, biblioteca, banheiros, computadores, TVs, livros e as fronteiras com o “fora dela”. Nesses espaços da escola, você está com outros, junto, convivendo: compartilhando a vida, as experiências e o jeito de sentir, pensar e de realizar as atividades. Nessa convivência, todos se educam. Aprendem e ensinam o que sabem com o trabalho e com o diálogo. Assim, acontece o devir humano. E cada vez que alguém aprende algo novo, torna-se um humano diferente: homens e mulheres que trabalham, que brincam, que participam da vida da escola e da vida comunitária da maneira como aprendem a participar. Esse aprender a participar está relacionado com a experiência, com o direito e com o poder de participar. É importante que você não se esqueça disso!

É preciso perceber, então, que a educação que faz na escola pode vincular as experiências do espaço da sala de aula com as experiências possíveis em qualquer um dos espaços escolares. Numa sala de aula e em todo o espaço escolar, interagem pessoas que trazem consigo suas experiências, vivências, valores, costumes, gostos, modos de falar, de vestir e de organizar os espaços, enfim, maneiras de ver e de pensar o mundo, que as diferenciam umas das outras.

Essas diferenças espaciais e o modo de pensar e ver o mundo podem ser muito ricos para quem pode aprender pensando e escolhendo entre alternativas diferentes para sua própria vida.

Será que na escola em que você trabalha isso acontece mesmo? Será que nela as pessoas se tornam diferentes na convivência com os outros? Ou será que cada um quer que os outros sejam iguais a eles próprios? Isso acontece apenas nas salas de aula ou acontece em outros espaços também? Como podemos dialogar com os outros nos espaços pelos quais somos responsáveis? Que valores e significados estão presentes nas práticas que você realiza no seu trabalho e que podem afetar a educação na escola? Escreva como o seu espaço de trabalho pode ser organizado para que todos possam aprender algo ali.

REFLEXÃO



3 – Como se ensina e como se aprende na escola?

A essa altura, talvez, você já tenha como possibilidade o pensamento de que homens e mulheres se educam com os acontecimentos e nas relações que vivenciam uns com os outros em certos espaços, e que o currículo da escola é constituído dessas vivências, além daqueles conhecimentos de sala de aula.

A questão agora é: é possível planejar as vivências fora da sala de aula de maneira que se tornem experiências pedagógicas? Atente que a experiência abrange a vivência imediata de situações individuais e/ou coletivas, bem como sua significação. A significação está relacionada à elaboração investigativa e reflexiva da vivência, isto é, a experiência realiza-se quando a vivência é problematizada e provoca a busca de significados para ela.

Uma experiência pode ser planejada (ação pedagógica), mas não pode ser previamente determinada. Ela traz sempre possibilidades de resultados diferentes do que se espera ao planejar, pois, o planejado é atravessado por outras vivências trazidas por homens e mulheres (vivências de fora da escola). Veja e lembre-se do conceito de devir.



Você consegue pensar na escola como um espaço participativo e acolhedor dessa diversidade e pluralidade de vivências? O diálogo entre essas vivências numa experiência planejada pode construir na escola um ambiente de aprendizagem investigativa e reflexiva sobre as vivências pessoais e coletivas? Ou será melhor que os mundos diferentes não sejam compartilhados, disputados, negociados e reinventados, ficando então a educação limitada por modelos de ensino e instrução tradicionais em que apenas professores ensinam e alunos aprendem, ficando os funcionários de fora desse processo?

Pois é, talvez seja importante que os saberes da vida não-escolar possam ser problematizados na escola, para que alunos, professores e técnicos em educação possam construir coletivamente os conhecimentos de que precisam para conviver com as diferenças e para possibilitar uma outra educação da

comunidade com a qual a escola se relaciona.

Pensar nisso pode significar ter de rever o papel da escola frente à possibilidade de significação da cidadania e do trabalho, pois as experiências escolares podem ser experiências teórico-práticas, que tenham presente a integridade da vida de homens e mulheres que podem escolher que cidadania e que trabalho querem para si mesmos.

Como se ensina na escola, então?

Na escola se ensina:

- 1) pelo exemplo prático, pela vivência observada e compartilhada com os outros (intencional ou espontaneamente);
- 2) pela transmissão de conhecimentos prontos, disponíveis e já produzidos pela humanidade (intencional ou alienadamente);
- 3) pela investigação, pelo diálogo e pela experiência prática planejada, vivenciada e pensada por todos e para todos.

Desses três modos de ensinar, qual deles você percebe que tem sido o mais presente na sua escola, em todos os espaços? Considerando o que você já leu e o que já vivenciou na escola, qual desses modos você escolheria como educador? Com base em que valores e significados você faz essa escolha?



4 – Quem ensina e quem aprende na escola?

Como “funcionário de apoio” que você tem sido até agora, poucas vezes o valor da sua participação na escola e na educação tem sido problematizada, não é? Afinal, em muitos casos, é tão óbvia, tão a mesma, tão restrita, tão limitada e tão repetitiva essa participação que chega a parecer natural e sem importância: “é assim porque é assim e não pode ser de outro jeito!”. É como se você só pudesse participar da educação na escola cumprindo uma função e conservando as relações já estabelecidas (aluno é aluno, professor é professor, diretor é diretor, mãe é mãe e funcionário é funcionário). Isso chega a chatear ou você está satisfeito com esta situação?

Nessas práticas participativas, cada um assume um papel, cumpre uma função e não pode ser diferente para si e para os outros.



Será que ao assumir um papel determinado você continua sendo você mesmo? Será que você pode deixar de ser de um jeito para ser de outro? E quanto às práticas da escola: você alguma vez já observou atentamente como são as práticas escolares? Todas as pessoas são tratadas da mesma maneira ou são diferenciadas? Existe fila para entrar em sala de aula? Quem precisa entrar em fila? E por que os outros não precisam? As decisões sobre a escola são coletivas ou exclusivas de alguns? Os alunos usam uniforme? E os professores e funcionários usam também? Há espaço e instrumentos adequados para preparar e realizar as refeições? Há seleção de lixo?

Pensar sobre esses questionamentos é importante para significar como a identidade se constrói nas práticas escolares. Ou seja, observando atentamente as práticas escolares e refletindo sobre elas, você pode saber quem é quem na escola e também pode saber se é possível ser de outro jeito. A escola educa a todos e todos se educam e são educados na escola de que participam como parte ou como co-responsáveis?

Esse problema diz respeito a como indivíduos ou grupos de indivíduos se posicionam nas práticas culturais, no caso, nas práticas escolares. Como são valorizados e quais são seus próprios valores.

Sendo funcionário, parece que a sua participação na escola nada tem a ver com a educação dos alunos, afinal, o que faz é limpar, cozinhar, lavar, registrar informações, emitir documentos, consertar equipamentos e algumas outras atividades burocráticas.



E como técnico em educação, como será? Que educação você faz ao cumprir suas funções? Cumprir bem as funções parece ser importante. Mas será tudo? Que valores e significados as práticas funcionais podem ter para os outros e para você mesmo? Lembre-se de quando investigou o recreio na Unidade 2. Tente lembrar e analisar como pensou naquele momento! Preste atenção nas suas práticas e veja o que elas podem significar para a educação na escola.

Apesar disso, parece que na escola tudo tem a ver com educação. Portanto, parece que você tem alguma responsabilidade na educação de todos: na sua mesma, na dos colegas funcionários, na dos professores e na dos alunos. Na escola, todos educam a todos e por isso têm responsabilidade pelo que fazem na escola.

Busque algumas lembranças das práticas, das experiências e dos estudos de que você mesmo participou na escola, como aluno e/ou como funcionário. Relembre também as memórias do que tem estudado nesse curso e procure refletir sobre como tudo isso que tem vivenciado na escola está presente na sua história de vida e no seu devir humano, educador, cidadão e profissional. Como você chegou onde está como humano e profissional? Para onde pode ir? Que contribuições pode dar aos outros?

PRATIQUE



Espero que o encontro da sua leitura com a minha escrita tenha oportunizado mudar de lugar várias vezes, tentando se colocar no lugar de todos os outros que foram mencionados neste módulo e, sobretudo, no lugar dos outros que estão com você no dia-a-dia da escola. Espero que a leitura lhe ajude a se perceber no seu lugar nas relações com esses outros e, por fim, espero que você tenha podido conhecer mais e de um jeito diferente a escola, suas práticas e seus espaços.

Abraço amigo.

Até breve.

Dante

SAIBA MAIS

**LEITURA**

Alves, Rubem. A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir. Campinas: Papyrus, 2001.

FILMES

La mala educación, de Pedro Almodovar

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith et all. *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 2ed.

BESSA, Dante Diniz. *Educação filosófica, crítica!?* A filosofia como disciplina do currículo de 2º grau. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, 1997. (Dissertação Mestrado)

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1998.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. 6ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. *Medo e ousadia*. 2ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa*. 15ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HABERMAS, Jurgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 12ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

MARX, Karl. *Trabalho alienado*. Cópia reprografada.

MONLEVADE, João Antonio Cabral. *Funcionários das escolas públicas: educadores profissionais ou servidores descartáveis*. Brasília. s/d.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante – Cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

